

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1902

N.º 83

O REI DE INGLATERRA, IMPERADOR DAS INDÍAS



Eduardo VII

CHRONICA



INGLATERRA está, senão no apogeu da sua gloria, porque a conquista do Transvaal não foi levada á conta dos seus triumphos mais brilhantes, pelo menos n'um dos seus grandes momentos de celebridade, porque, convenhamos, as nações como os homens, tem as suas crises de notoriedade.

Se por um lado é certo que o triumpho da causa ingleza na Africa do Sul não contribuiu senão de uma maneira muito contingente para augmentar o prestigio britannico, por outro é certo tambem que essa causa inevitavelmente triumphou e, em que pese ao

nosso espirito cavallheresco, todo o triumpho, mesmo o que desceio os mais bellos epochas humanas, é sempre um motivo de engrandecimento. O mundo contemporaneo presta ainda — ai de nós! — uma completa vassallagem ao Exitto. Mas a esta razão de fama universal vem juntar-se a coroação do novo rei e assim n'este momento, pode dizer-se, a Inglaterra é, entre todos os Estados do planeta, aquelle onde se passa alguma coisa.

Em nunca esteve na Inglaterra senão o tempo sufficiente para formar d'esse grande paiz uma idéa maravilhosa, que está longe de ser exacta, porque é sabido que a civilização ingleza exerce sobre todos os espiritos que a consideram precipitadamente uma extranha fascinação. Sómente, a Inglaterra é uma nação que não é preciso visitar para conhecer. A Inglaterra é o inglez, que está em toda a parte, como o deus dos catholicismos, e a toda a parte leva a sua patria na sola das suas botas, como cumpria a todo o allemão, no dizer ironico de Heine. Ora, conhecer o subdito inglez é conhecer a propria patria ingleza, que elle transporta na sua alma com o seu absorbente nacionalismo e no seu corpo com a sua capa de borracha, e da observação attenta dos individuos d'essa raça fucunda esparsos pelo mundo, o que claramente resulta é a noção de uma sociedade tão fundamente solidarizada como uma seita. A Inglaterra é assim, não um Estado, mas uma religião: a religião dos inglezes.

O egoismo dos inglezes não é senão esse espirito de quasi fanatismo religioso, levando-o unanimemente ao sacrificio de todos os principios, os mais respeitáveis, como agora flagrantemente succedeu na Africa do Sul, sempre que seja mister engrandecer a Inglaterra, ou manter intacto o prestigio do seu culto.

Na populosa Grã-Bretanha certamente houve innumeras consciencias que, no decurso da dura campanha que acaba de findar, deploraram o generoso sangue derramado, o morticínio de um nobre raça, a devastação de um rico e fertil paiz, as pobres heroínas do lar accusadas por todos os flagellos da guerra, as innocentes creanças sacrificadas á inclemencia dos mais fortes.

Contudo, entre todas essas consciencias ternas e justiceiras não houve uma só, fóra da zona cosmopolita do apostolismo philantropico, que deplorasse na guerra alguma coisa mais do que as suas victimas indispensavelmente immoladas no altar da patria; e a guerra fez-se, e atravez de mil revezes, levou-se a cabo com a perfeita, serena, inabalavel solidariedade de todos os filhos da Grã-Bretanha.

Em vão, o mundo inteiro, a Europa inteira tentaram, com a mais estéril mas a mais unanime sublevação de consciencias de que ha memoria, dissolver a solidariedade ingleza pelo pregão sonoro da desqualificação moral da Inglaterra perante a historia; em vão correu o sangue, em vão correu o oiro, em vão correram vãs palavras. Chamberlain permaneceu impassivel ao revez, ao luto, á dor, ao odio do mundo e á execração da historia e em volta d'elle, impassivel, a Grã-Bretanha permaneceu. E assim se venceu o mais heroico esforço que modernamente tem sido feito pelos homens em favor da independencia de um Estado — pela solidariedade inquebrantavel.

Contudo — extranha contradicção! — este povo de conquistadores, violadores do Direito é, *intramuros* da sua patria, um dos mais legitimamente severos guardas do Direito.

Não ha muito, passou-se em Inglaterra este facto:

Um jornal de Londres, de pequena tiragem e pequena cotação, injuriou gravemente a minoria irlandeza da Camara dos Communs. Ora, é de saber que existe na Grã-Bretanha uma lei segundo a qual a inviolabilidade parlamentar está sob a guarda dos presidentes das duas camaras, os quaes podem contrair os auctores de injurias ou diffamações contra os representantes da nação a uma retractação que, para ser verdadeiramente publica e solemne, deve dar-se na mesma sala da casa do parlamento a que pertencerem os representantes agravados.

Tendo tomado conhecimento da aggressão feita aos membros da minoria irlandeza, o presidente da camara dos communs intimou o director e o gerente do jornal que os diffamara a comparecerem á barra do parlamento e a retractarem-se ahi.

Assim succedeu, mas tanto o jornalista como o seu collaborador-gerente buscaram esquivar-se, mediante subterfugios, a uma formal retractação. Então, o presidente, sem perda de tempo, coagiu-os em nome da lei soberana e, perante a camara inteira e as galerias repletas, á minoria irlandeza foi dada reparação.

É indispensavel, porem, saber-se que as aggressões dirigidas aos delegados da Irlanda, paiz sempre rebelde á soberania ingleza, foram motivadas pela attitude d'estes, francamente hostil ao governo e á Inglaterra, a proposito da guerra do Transvaal, o que n'outro paiz menos cioso das garantias individuas, seria motivo bastante não já para os privar do direito a um tão solemne desagrago de injurias, que então todos reputariam merecidas, como até para os collocar fóra de todas as protecções da lei.

Comentando este episodio da vida parlamentar na Inglaterra, o sr. Henry de Hoax, antigo collaborador do *Figaro*, extranhava ao tempo que um povo tão respeitador da liberdade propria respeitasse tão mediocremente a liberdade alieia e que, tendo para seu uso tão severas noções de justiça, tão voluntariamente as desconheciasse sempre que era mister applical-as aos outros. E d'esta contradicção concluiu que a Inglaterra é um paiz onde tudo desde as instituções até ás capas de borracha é exclusivamente feito para uso e commodidade dos inglezes e só dos inglezes.

Com effeito, observando, por exemplo, a historia da Inglaterra, reconheceremos sem custo que do esforço da raça ingleza se grandes beneficios tem resultado para o progresso da sua civilização, raros tem derivado do solo e da comunidade britannicas em proveito da humanidade. Assim, muito antes da França ter proclamado os direitos do Homem, a Inglaterra decretava a sua emancipação politica pelo Habeas-Corpus e pela Grande Carta. Contudo, da revolução ingleza a humanidade não se sentiu, enquanto que a revolução franceza beneficiou todo o genero humano.

Porquê?

Porque os inglezes fizeram uma revolução para a Inglaterra, enquanto a França fez uma revolução para o espirito universal. Por isso, a Inglaterra é, no ponto de vista dos beneficios que dispensa á humanidade, estéril, enquanto a França dominando espiritualmente o mundo com o seu genio de combate a favor das idéas universaes, é essencialmente benéfica e fecunda.

A força dos inglezes está inquestionavelmente no seu espirito de solidariedade, mas d'essa força só se sente a Inglaterra. Nós vestimos-nos sem duvida de panno inglez, mas onde nos surtimos de idéas é na França.

João Chagas



JOÃO CHAGAS



Virginia



Flora, Goez

O ultimo retrato da grande actriz ostentando o habito de S. Thiego

Ha pagamentos de dividas que desanuviam a consciencia. Está n'este caso aquella que o reconhecimento nacional acaba de saldar com a actriz Virginia. E para ser completo o jubilo dever praticar na nossa terra um acto de justica, assistimos a este spectaculo excepcional: o poder official e a opinião publica fundirem-se no mesmo affecto e na mesma glorificação. O rei e o espectador das varandas, o chefe do governo e o burguez da plateia, uniram-se no mesmo pensamento, encontrando-se na mesma consagração. Porque o grau de S. Thiego premiando na actriz o valor, depois de 35 annos de trabalho, de lucta e de gloria, é a mesma coisa que as palmas que a aclamam, os bravos que lhe levantam e as flores que lhe lançam. A summa de todas estas manifestações, na apparencia diversas, no fundo as mesmas, é o respeito pela mulher e a admiração pela artista. Que, a bem dizer, o que em Virginia se festeja e se consagra é o conjunto de qualidades altas e nobres que na sua personalidade se ligam. E se a classe a que ella pertence tivesse bem a comprehensão nitida do que significavam as manifestações com que lhe aureolaram o nome e augmentaram a celebridade, essa classe devia satisfazer-se e orgulhar-se. O actor, que em épocas de obscurantismo era quasi um renegado social, um ser desenhado e até repellido, nunca teve desforra mais bella, *reanche* mais completa. Nunca, para dar-lh'a em absoluto, para proclamar a victoria da classe a que pertence, tão variados elementos se dispozeram e tão alta consagração se tributou.

No pleno dominio dos seus triumphos, no apogeo da sua gloria, outros artistas têm recebido homenagens publicas, que não têm sido tambem regateadas aos extinctos. Com Virginia a hypothese é completamente outra. Na propria noite da sua grande festa o papel que ella escolhera era dos mais insignificantes e de menos responsabilidade entre quantos constituem a sua opulenta galeria. Uma doença pertinaz tem teimado em afastar-a ha muito d'essas

verdadeiras noites de gloria em que por equal os auctores e o publico, encantados com as revelações do seu sentimento, o adoravel timbre da sua voz, e o brilho pessoal da sua arte, lhe juncavam o palco de flores e se confundiam no mesmo enthusiasmo e nos mesmos applausos. Não. Não era a impressão ainda nervosa e continua de uma d'essas noites em que viviam na sua voz diamantina e no seu sentimento se agitavam, se moviam, amavam, odiavam, rugiam, se contorciam de dor ou vibravam de paixão, as figuras que Dumas e Augier e Fenillet e Sardou e D'Ennery e Coppée, e os nossos principaes escriptores de theatro, arrancaram á vida para lhes dar vida nova no palco. Não. Não era a sensibilidade despertada pela sua arte, ainda vibrante no dia seguinte, que, n'um dos seus paroxismos tão innatos á nossa indole meridional, vinha com mercês officiaes e homagens ruidosas sagrar-a para todo o sempre artista eminente.

Aqui têm porque eu reputo acima de todas esta homenagem isolada. Aqui têm porque eu dou um logar á parte a esta consagração sem precedentes. Aqui têm porque considero, alheia a todos os nervosismos, extranha a qualquer precipitação de momento, a festa em honra de Virginia, e a mercê official que a precedeu, festa e mercê, que são a maior, a mais alta, a mais significativa e eloquente manifestação que se pode prestar a uma arte symbolizada n'um artista, a uma classe representada n'uma das suas figuras primaciaes.

O que se fez, fez-se a frio, sem pruridos de réclame, sem idéas preconcebidas de favor e agradecimento. O que se fez, fez-se por um dever. Esse dever, em paiz que não seja positivamente de selvagens, impõe-n'o á arte, quando se não afastou nunca das suas nobres linhas, impõe-no o sentimento nacional provocado pelo sentimento artistico, que encontrou em Virginia a sua revelação infundível.

A noite da sua festa foi a revivencia de todas as suas noites de gloria. Não estavam deante de nós, é certo, ali n'aquelle palco que era o seu throno, as figuras em que ella soube evocar as nossas impressões mais intimas, a nossa mais profunda emoção, mas grande parte de todas ellas, mas uma parcella de cada uma, vivia no nosso espirito e perfumava a nossa saudade. A recordação das suas glorias dispersas em que a mocidade d'ella dava realce ao seu talento e vida intensa ás suas creações, evocava tambem a nossa mocidade quando se desentranhava em vibrações de enthusiasmo.

Não é pois demais confessar que nas homenagens apparentemente altruistas ia muito do nosso egoismo individual, ia o prazer intimo, direi antes artistico, de reviver a sensibilidade que os annos lentamente procuram apagar.

A Virginia, na noite da sua festa, evocativa, suggestionante, prendiam-se, para aquellos que ha mais de 30 annos a acompanharam, recordações do passado, noites de arte, a visão de grandes artistas desaparecidos, a lembrança inapagavel de pequeninos nadas, dialogos que se cortavam, commentarios que se faziam, emoções que se experimentavam, e até, para ser completa a suggestão, a viva saudade de uma pontinha de má lingua, que é inherente a todos os prazeres do nosso espirito, e inapagavel dos nossos habitos nacionaes.

Os novos, os desconhecidos, os que emfim não pertencessem a esta nobre velha guarda, difficilmente comprehenderiam a significação da festa de D. Maria. Encontrariam nos apologeticos versos dos poetas, rimas cantantes e bellas idéas metrificadas, nas flores que choviam das urdiduras ou nas que juncavam o cambrim da actriz e nas que dos camarotes eram lançadas para o palco, talvez a repetição banal do que se tem feito a artistas sem nome, na assistencia de duas pessoas da familia real e dos representantes do governo, instrução publica e das bellas artes, a necessidade official de sancionarem com a sua presenca o acto tambem official, no qual o rei, pela primeira vez, agraciara uma actriz portugueza, e a esses, aos novos, aos de hoje, o fremido das palmas e o calor das ovações conseguiria tambem, pela febre do contagio, arrancar palmas e bravos, que na homenagem geral se fundiam. Mas este requinte da sensibilidade evocada, este doce conforto tão differente do que constituia para o florentino a maior dor, que era: recordar no mal presente o bem passado, este jubilo intimo de evocar na noite da maior gloria as glorias e os triumphos de um tempo, que ainda vive mentalmente, este supremo e espirital prazer de atar com o laço do affecto e da admiração o passado ao presente, esta doçura intellectual, experimentaram n'a só aquellas que na noite triumphal de Virginia envolveram na mesma aureola e fundiram na mesma saudação a artista, a esposa e a mãe.

A CASA DA ACTRIZ VIRGINIA



O QUARTO DE CAMA



A SALA DE JANTAR

A CASA DA ACTRIZ VIRGINIA



UMA DAS SALAS



A ACTRIZ VIRGINIA COM SUA FILHA E SEU MARIDO O ACTOR FERREIRA DA SILVA

A CASA DA ACTRIZ VIRGINIA



TRECHO DE UMA SALA

Uma sentença notável

Todos quantos se interessam pelo progresso e pelo bem da humanidade não podem deixar de reconhecer a necessidade de uma reforma das actuaes leis sociaes, tão cheias de prejuizos, e que dando origem a implacaveis injustiças para com os desherdados da fortuna, revoltam os espiritos bem formados, e os que tenham adquirido um gráu de intellectualidade sufficiente para apreciarem que a humanidade tem direito a ser feliz, mas que jamais o conseguirá, enquanto subsistirem esses prejuizos.

Um d'esses abençoados espiritos, um verdadeiro espirito de eleição é o juiz Magnaud, presidente do tribunal de Chateau-Thierry, em França que, enquanto não vê realisadas essas reformas, não se prende com a letra das leis, e não hesita em a torcer, quando a encontra em manifesta hostilidade com os principios modernos de equidade social, illuminando assim o caminho aos futuros legisladores.

E' digna de ser commentada e imitada a sentença que elle deu, ainda em março d'este anno, a proposito de um caso de vagabundagem e mendicidade, rompendo com as praxes e com os julgamentos dos tribunaes de justiça sobre o assumpto. O réo era accusado de não ter domicilio, sendo reconhecido o facto de não ter trabalhado mais de um mez, e de não ter meios de subsistencia, confessando elle proprio que, por este motivo, tinha pedido algumas vezes esmola.

O juiz Magnaud na sua sentença absolutoria, considera, attende e friza

que a existencia de um delicto não pode deixar de estar subordinada a de um facto immoral;

que não ter domicilio certo nem meios de subsistencia constitue

evidentemente o estado de miseria, mas que esta situação, se é penosa e dolorosa para quem a soffre, não comporta nenhum facto de caracter immoral, e que bem assim não pôde ser criminado o facto, embora lamentavel de não trabalhar, mesmo quando seja voluntario, porque, aliás, para haver equidade, *deveriam tambem ser incriminados todos os ricos ociosos;* que a sociedade perseguindo os desgraçados sem trabalho, sem domicilio, e sem meios de subsistencia, os considera simplesmente como susceptiveis de se apoderarem dos bens alheios;

que um juiz que tem o dever de ser justo, não pôde pronunciar a condemnação contra um homem que não foi accusado de acto algum contrario á moral, e unicamente pelo simples pretexto de que a sua miseria poderia levar o a futuros actos reprehensiveis, e que, quando muito, essa situação deploravel, ainda que fosse verdadeiramente voluntaria, poderia ser considerada com uma circumstancia agravante de uma outra infracção penal effectivamente commettida;

que o réo, accusado de haver, sem trabalho, sem domicilio, e sem meios de subsistencia, solicitado e obtido um pedaço de pão, fizera o seu pedido de um modo conveniente, sem offensas, nem ameaças;

que este apello da sua parte a solidariedade humana, não revela nenhum acto immoral, não podendo entrar no espirito do legislador punil-o, como constituindo o delicto de mendicidade;

que um tal delicto só poderia existir, se fosse feito por um pedinte de profissão, ou por um parasita da beneficencia publica, ou fosse precedido e seguido de injuria, violencia, ou ameaças;

que o pedido e accettazione de um pedaço de pão, objecto de primeira necessidade, é absolutamente extranho aos actos verdadeiramente culpaveis;

que, além d'isto, no departamento a que o accusado pertence, não existe estabelecimento algum que possa evitar *eficazmente* a mendicidade;

e que, finalmente, n'este ponto, não cumprindo a sociedade n'este caso, *como em muitos outros*, o seu dever, não poderia encontrar o delicto de mendicidade, da parte do accusado, mesmo accetando por um instante, a actual jurisprudencia sobre a materia.

As pessoas que se derem ao trabalho de reflectir, e as que nutrem no fundo do coração o sentimento de justiça e o amor da equaldade, não poderão deixar de se regosijarem com a idéa de uma reforma social, para a qual vaes abrindo caminho o digno juiz de Chateau-Thierry.

Quantos desgraçados andam ahí pedindo trabalho, sem o alcançar! Com que direito se procede no centro da cidade a *rusgas*, como se vivessemos entre selvagens, sem respeito pelos direitos e pela liberdade de cada um, e que dão em resultado serem uns desgraçados empilhados nos porões dos navios, e transportados pelo *crime de vagabundagem* para um clima inhospito que lhes apressará a morte, sem que as autoridades administrativas tratem de averiguar as causas da sua miseria e falta de trabalho!

Quando se tolera que os ociosos ricos estejam uma grande parte do dia pelas esquinas, contentando com os que passam, e affrontando muitas vezes a moral, qual a justiça com que são presos e deportados os *ociosos pobres*?

Qualificar de crime a fome e a miseria, ou de incentivo para o crime, e punir *precentivamente* os que as soffrem, é o que pôde haver de mais barbaresco e injusto.



C. DE BARRO.

O juiz Magnaud

POLITICA INTERNACIONAL

Ainda se ouvem os ultimos echos das festas, com que foi solemnizada a maioridade politica de Afonso XIII, e já na politica hespanhola se desenha uma crise, cujas conseqüencias não são ainda facies de prever. Canalejas, que apenas tinha adiado a sua saída do ministerio, para não perturbar os festins da corte com uma nota discordante, volvida a situação e a normalidade, insistiu pela demissão, que obteve, separando-se assim de Sagasta e dando lugar á scisão que principia a manifestar-se no partido liberal.

Quando n'uma revista anterior demos noticia da constituição do actual ministerio hespanhol, prophetisamos desde logo o que afinal, mais cedo do que nós proprios esperavamos, aconteceu. Canalejas rival de Moret foi por este vencido. Veyler, que se esperava que acompanhasse o ministro da agricultura, ficou dentro do governo. E Sagasta cada vez mais velho e mais desprestigiado continua a ser nominalmente o chefe do governo.

Como em Hespanha muda rapidamente o scenario politico! Ainda não ha muito, nem sequer dois mezes, pronunciava Canalejas no Senado um celebre discurso de que a imprensa liberal do pais vizinho disse maravilhas. Foi então vos corrente que esse discurso consagrara o seu auctor como ministro indispensavel, consolidando ao mesmo tempo e por longo periodo a situação presidida por Sagasta. Pois passaram apenas algumas semanas e o auctor da famosa peça oratoria é aliado como carga incommoda da barcaça ministerial, e por causa da crise, que a sua queda provoca, vê-se o partido liberal ameaçado não só de abandonar o poder mas tambem de se fraccionar e talvez de se dissolver! *Cozas de España*.

O que parece certo é que Canalejas não se resigna com o ostracismo a que o votaram. Pelo menos assim o dá a entender a viagem que acaba de empreender á Valencia. Terá elle, porém, a coragem de ir até ao fim, e que se nos affigura duvidoso, não obstante todos os seus bons desejos em que queremos acreditar. Compreendese-se que como homem pratico Canalejas hesite em se declarar republicano, vendo a desorganisação e a impotencia d'este partido, e a nenhuma influencia que actualmente elle exerce na vida publica da Hespanha. Seria talvez inutilisar-se para uma acção effica e valiosa. Ao mesmo tempo lado a sua situação não é menos embaraçosa dentro do regimen politico existente. Luctar pela chiefa liberal, que não ha mais dia menos dia vaga pela fatal retirada de Sagasta, parece-nos cousa difficil, achando-se senhor da situação Moret, que evidentemente está preparando para si o terreno na expectativa d'essa eventualidade. Demais, ainda no caso de triumpho — o que desde logo lhe tiraria grande parte do valor — uma parte do actual partido não reconheceria Canalejas, preferindo ir engrossar as fileiras conservadoras.

Não podemos, por isso, esperar que o chefe das liberais, ser, no mais dia menos dia vaga pela fatal retirada de Sagasta, parece-nos cousa difficil, achando-se senhor da situação Moret, que evidentemente está preparando para si o terreno na expectativa d'essa eventualidade. Demais, ainda no caso de triumpho — o que desde logo lhe tiraria grande parte do valor — uma parte do actual partido não reconheceria Canalejas, preferindo ir engrossar as fileiras conservadoras.

Não podemos, por isso, esperar que o chefe das liberais, ser, no mais dia menos dia vaga pela fatal retirada de Sagasta, parece-nos cousa difficil, achando-se senhor da situação Moret, que evidentemente está preparando para si o terreno na expectativa d'essa eventualidade. Demais, ainda no caso de triumpho — o que desde logo lhe tiraria grande parte do valor — uma parte do actual partido não reconheceria Canalejas, preferindo ir engrossar as fileiras conservadoras.

Não podemos, por isso, esperar que o chefe das liberais, ser, no mais dia menos dia vaga pela fatal retirada de Sagasta, parece-nos cousa difficil, achando-se senhor da situação Moret, que evidentemente está preparando para si o terreno na expectativa d'essa eventualidade. Demais, ainda no caso de triumpho — o que desde logo lhe tiraria grande parte do valor — uma parte do actual partido não reconheceria Canalejas, preferindo ir engrossar as fileiras conservadoras.

Não podemos, por isso, esperar que o chefe das liberais, ser, no mais dia menos dia vaga pela fatal retirada de Sagasta, parece-nos cousa difficil, achando-se senhor da situação Moret, que evidentemente está preparando para si o terreno na expectativa d'essa eventualidade. Demais, ainda no caso de triumpho — o que desde logo lhe tiraria grande parte do valor — uma parte do actual partido não reconheceria Canalejas, preferindo ir engrossar as fileiras conservadoras.

Não podemos, por isso, esperar que o chefe das liberais, ser, no mais dia menos dia vaga pela fatal retirada de Sagasta, parece-nos cousa difficil, achando-se senhor da situação Moret, que evidentemente está preparando para si o terreno na expectativa d'essa eventualidade. Demais, ainda no caso de triumpho — o que desde logo lhe tiraria grande parte do valor — uma parte do actual partido não reconheceria Canalejas, preferindo ir engrossar as fileiras conservadoras.

e nem na Alemanha ou nos socialistas tiveram nunca um crescimento assim. Em 1891 foram dados nas eleições para deputados 5 000 votos aos candidatos socialistas. Dez annos depois, em 1901, tiveram esses candidatos, já então em numero de 32, 24 000 votos! O numero portanto dos votantes do partido operario mais do que multiplicou n'este periodo, devendo notar-se que não se trata de um pais de suffragio universal, como a Alemanha, mas da terra classica dos recrutamentos falsificados a favor dos partidos, que monopolizam a governação publica... A quem pôde passar despercebida a gravidade de semelhante situação!

A lucta da Alemanha ou antes da Prussia contra o elemento slavo nas provincias orientaes entrou n'uma nova phase, de que é prenuncio o projecto apresentado ao parlamento pelo conde de Segow, para o augmento do fundo destinado ao resgate das terras possuidas pelos polacos, a favor do elemento allemão. Affim de bem accentuar a significação da lei, que foi approvada por importante maioria, correm mundo as seguintes palavras pronunciadas pelo chancelier n'uma entrevista com o representante do *Figaro*: «O conde de Caprivi imaginou por um momento ser possivel outro methodo. Os factos mostraram a sua illusão e a opinião publica não o acompanhou. Se n'este parte eu deitar dez lebres e cinco coelhos, no anno seguinte teré quinze lebres e cem coelhos. E' contra uma tal fecundidade, que nós queremos defender nas provincias polacas a unidade nacional.»

Uma parte da propria imprensa allemã critica severamente semelhantes palavras.

A *Kölnische Volkszeitung* condemna indignada a cynica comparação (sic) de allemães e polacos a lebres e coelhos, a proposito da relativa escassez de duas raças, e estende o que se segue no artigo intitulado *Pharao Billow*: «O chancelier pôde vêr-se livre de um excessivo augmento de coelhos no seu parque matando os tiros. Do mesmo modo ha apenas um unico meio de evitar a multiplicação dos polacos, é o que Pharaoh empregou contra o augmento dos hebreos. Mas dando curso a esta triste comparação, o conde de Billow condemnou implicitamente todas as medidas por elle propostas para combater a raça polaca. Tem agora de proceder com os polacos como Pharaoh procedeu com os hebreos. Em termos de politica e logica que seja a sua politica slava, é para duvidar se elle pôde ir até ao ponto de apresentar um projecto de lei para que sejam afogadas como gatos pequenos todas as creanças recém-nascidas polacas ou mesmo todas as do sexo masculino entre ellas.»

A *Berliner Tageblatt* lembra aos seus leitores a tempestade de indignação que se teria levantado, se fosse o sr. Chamberlain que tivesse assumido o assumpto de semelhantes proposições. *Neueste Nachrichten*, que de resto approvam a politica polaca do governo, censuram ao sr. de Billow o seu dito inconveniente.

Como se o discurso do chancelier não bastasse para irritar os animos da população slava do imperio, ainda vivamente exaltados pelos acontecimentos de Wreschen, que aqui n'uma d'estas revistas ha alguns mezes relatavamos, veio proprio imperador, que mais uma vez não pôde conservar-se silencioso, lançar novo combustível para o incendio com uma d'aquellas allocuções, que se não raro são inopportunas, tem ao menos o merito da franqueza e da audacia.

Fallando n'um banquete, dado no castello de Marienburg, aos hospedes, que com elle vieram festejar no referido castello a inauguração da nova capella, Guilherme II expressou-se pela seguinte fórma: «Eu já tive occasião de accentuar bem n'este castello e n'este districto como o antigo Marienburg, em tempos antigos baluarte contra o Oriente e centro da civilisação da região a leste do Vistula, deve sempre ser considerado como o symbolo da missão da Alemanha. Uma vez mais compete-lhe representar esse papel. A arrogancia polaca parece resolvida a usurpar os direitos do germanismo, e eu sou forçado por consequencia a instar com o meu povo para que elle defenda as suas conquistas nacionaes. Aqui, em Marienburg, eu manifestei a minha esperanza de que todos os irmãos da Ordem de S. Joãohão fôr de correr ao meu chamamento, quando eu lhes ordenar que se apresentem ás adições, que eu sempre commo eu sei, sabe, o castello de Marienburg foi primitivamente a sede da Ordem dos Cavalleiros teutonicos, a qual teve por missão principal subjuagar e christianisar os pagãos da Prussia Oriental. Em 1457 o castello de Marienburg cahio nas mãos dos polacos, e conservou-se no dominio d'elles até á queda da Polonia, occasião em que passou a ser incorporado no estado prussiano. O districto em que está Marienburg é um d'aquelles em que o elemento polaco tem feito nos ultimos tempos os maiores progressos. Um que está em maioria sensivel minoria o elemento allemão, apesar dos processos brutales da administração prussiana, que não se poupa a esforços e a violencias para germanisar pela força toda aquella região.»

O effeito do discurso de Guilherme II, especialmente nos circulos polacos e tchecos da Austria, foi extraordinario. Na delegação austriaca o deputado Abrahamowitsch declarou, a proposito da discussão do orçamento do ministerio da guerra, que a concessão dos creditos pedidos devia representar não o fortalecimento do exercito da Triple Alliance para defesa da Alemanha, mas o robustecimento da opposição ao imperio germanico. No *Reichsrath* alemão o escandaloso foi maior, porisso que o deputado tcheco Kiofac, subindo á tribuna, com tal violencia falou contra Guilherme II, que o presidente da camara teve de intervir por diversas vezes para pôr termo á sua injurgatoria, que aliás foi coberta de applausos em todos os bancos slavos. Fary-mos que o sr. Chamberlain está bem visado, e que providencia ou antes a logica da historia se está encarregando de castigar, com as mesmas armas, os que pretenderam ferir-o.

O ministro general Lannes e o embaixador general Junot

I

Os embaixadores francezes na corte de Lisboa nos derradeiros annos do seculo xviii — exceptuando d'Arboud — mantiveram, ao que parece, uma linha de proceder, que se coadunava com as mais inflexiveis regras da etiqueta e do *savoir-vivre*, e, portanto, com os principios regulamentares do protocolo cortez. Testemunham-n'o, entre outros factos, o haverem recebido presentes valiosos dos soberanos portuguezes. Assim, o distimulado e arto Luiz Pinto de Souza Coutinho, ministro dos negocios estrangeiros, enviou em agosto de 1789 a Mr. de Urtubize, encarregado de negocios de França na corte madriena, o presente ordinario de doze barras de ouro no valor de doze mil cruzados, destinadas ao marquez de Bombelles, ex-embaixador francez junto de S. M. Fidelissima. Mandou-lhe tambem um retrato da rainha D. Maria I, pintado sobre tela, com moldura de madeira dourada, com trez pés de altura pouco mais ou menos. Mas, no documento que o recidente passou, declarou-se que o retrato fôra offerecido a instancias do presenteado.

O conde de Châlons, embaixador de Luiz XVI, foi recebido com magnas honras, e acolhido affabilissimamente pela Familia Real. Foi elle quem apresentou na corte o duque de Coigny — que chegara a Lisboa no paquete *Expédition*, procedente de Falmouth, em 1790 — e o *Vidama de Vézac*, coronel do regimento de cavallaria do Delphin, ambos deputados á Assembléa Nacional, mas que, discordando das suas resoluções, pediram licença para viajar. O conde de Châlons, depois de veranear algum tempo na quinta do O'Dunne, em Marvilla, apresentou á Familia Real o duque de Luxemburgo, que se dirigia a Madrid e trazia cartas recommendatorias do conde de Montmorin. Foi então que a colonia franceza em Lisboa festejou magnificamente S. Luiz de França na crejeira de S. Luiz, em 23 de agosto de 1790. O conde de Châlons dirigiu-se com estafurdiano para a crejeira, acompanhado da embaixatriz de seu filho e de sua filha. Alem d'elles, assistiram á missa: o duque e a duqueza de Luxemburgo com seus filhos, o duque de Coigny e os principaes negociantes francezes estabelecidos em Lisboa, que eram os irmãos De Roures, Chigüé, Lequen, Miguel Maisonnave, Herbet, Monié, Debon, Jourdan, Guillot, Barré, Lassences, Rioland, Borel, Pedro Rey, Dufourcq, Timotheo Verdier, Meurons, Cambiaso, Mallet, etc. Terminada a missa os francezes ás orações por intenção do Rei, dirigiram-se os membros da *Faculté Française* para casa do embaixador, onde se realisou jantar de gala. (1)

O general Lannes — um *ecce homo* — enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, é que se affastou da linha traçada por aquelles seus dois predecessores. Nomeado para este cargo em 14 de novembro de 1801, partiu para Lisboa nos primeiros mezes de 1802. Com a chegada d'este reconador, muito gravido de ferozias, deu-se logo o primeiro peguinho. Tendo-se marcado a 1 hora da tarde de 30 de março de 1802 para a recepção do ministro e da ministra Lannes em audiencia solemne no Paço de Queluz, *Madame Lannes* pediu que lhe dispensassem levar o *panier* ou donaire, segundo programmatizava a inflexivel etiqueta. A ministra não o tinha e a estreiteza de tempo não permitia que lh'o appressassem. Mas não logrou a concessão, e teve de se addiar a audiencia d'essa senhora até que lhe confeccionassem aquelle triste e fôdo desgraçado e incommodo quanto obsoleto, porque já deixara de se usar em França havia quatorze annos! Enquanto as parisienses da ultima moda exhibiam *voilettes* athenienses por demais, os nossos palacianos continuavam a achar uma graça extrema á elegancia redundante e á magestade hypertrophada do *panier* — uma antiquilha —, que naturalmente reclamava o auxilio de outras modas risiveis, como, por exemplo, os altos taçoes de madeira á Luiz XV, que communicavam ao andar certa higriceza rythmica, dependente da attenção que se prestava para manter o equilibrio estavel.

E seja-nos licito dizer que as modas luzitanas andavam sempre em grande atrazo ou eram deploravelmente catholicas. Um estrangeiro que esteve em Portugal em 1784, escreveu o que se segue, no respeitante ao assumpto: — «O traje e adorno das Portuguezas, assim como nos homens, he um mixto de todas as outras Nações. Não ha no mundo Nacão mais imitadora scrvil dos trages das outras do que a Portuguesa. As mulheres d'este Reino, ora no traje são Francezas, ora Inglesas, ora Italianas, etc., ora, enfim, um mixto e colleccão de todas as Nações da Europa. Basta que appareça em Portugal huma estrangeira com hum novo vestido, penteado, mantelete, etc., para que logo todas as Portuguezas, sem saber se lhes está bem ou mal, o adoptem e uzem cegamente. E basta que huma Senhora não appareça na Assembléa, na Comedia, no passeio, com o traje favorito, para logo ser pelas demais capitulada de ridicula e antiqüaria». (2)

O general Lannes, a meia volta, vinha com propósitos entraves de militante muito acutiladido. Hospedara-se na grande hospedaria *Ingleza*, estabelecida no palacio de D. José Lobo da Silveira (barão de Alívito) no largo do Conde Barão, á esquerda da rua dos Mestros. A vizinhança não seria das melhores, porque esta calçada era um chavascal ladeado de baraca, um ponto de confluença das rascões bigorribas, das infimas bohemias dos beijos vagabundos. Os embaixadinhos infestavam-n'a, altas horas da noite, enquanto os lundans chorados, a *Comparsa*, os fandangos desbragados e as licenciosas modinhas brasileiras gemiam nos ara-

mes das guitarras, portas a dentro dos bordéis devassissimos, ou algum marítimo piagueiro quebrava o silencio concavo com a chançoneta em voga:

Ai! Ai! Já não ha quem queira!
Ai! Ai! Já não ha quem queira!
Ganhar um vintem,
Levar a chiquita
Das Naus á Ribeira!



General Junot

Como o Tejo chegava á Boa Vista, os navios fundeavam perto do actual largo do Conde Barão. Pois os creados do general aproveitavam o facto de estar uma escuna franceza ancorada de frente da rua das Gaveas para mutterem na hospedaria alguns volumes de mobilia estampilhados com o retulo de: «Fato pertencente ao general Lannes, ministro plenipotenciario da republica franceza». E fizeram-n'o sem préviamente terem dado parte ás autoridades aduaneiras para a respectiva isenção de direitos. Antonio La Fargue, vice-conde de França, foi mandado chamar á sua casa, na travessa de Santa Justa, e veio á Alfandega, onde lhe fizeram sentir a incorrecção do procedimento dos seus compatriotas, procedimento que elle desculpou, dizendo que havia ordem do ministro dos estrangeiros para o desembarque effectado, mas que a não podia apresentar, porque Mr. Fitte, secretario do general, partira para Aldegalga a esperal-o. (3) Dois mezes depois, repetia-se o contrabando, e foi Mr. Fitte, em pessoa, quem trouxe alguns volumes de fato de bordo do *Nepesin* para terra. (4) Em junho, La Fargue e Fitte queixavam-se ao attendente de Policia, porque se havia detido uma mulher que sahia de casa de Lannes, apprehendendo-se-lhe duzias de guardanapos e duas toalhas para embanhar. Mas, então, a insolencia attingiu o cumulo, porque não só deram uma desanda no Intendente, mas trataram-n'o de chapéo na cabeça. (5) Por seu turno, Mr. Suberris, ajudante de campo do general Lannes, tambem contrabandeava. (6) Este contrabando descarado levantou hostilidade entre o ministro francez e o Intendente de Policia, o ministro dos estrangeiros, D. João de Almeida, e o ministro do Real Erario, D. Rodrigo de Souza D. Coutinho.

Não admirava que Lannes praticasse como um gétá averuelhez, porque esse escantureado general não tivera educação alguma, exerceu o officio de tintureiro, assentou praça de soldado e conquistou, n'uma ascenção rapida e brilhante, os galões de todos os postos, as dragonas de general, o castelo de marechal e o ducado de Montebello. A petulancia terrível de Lannes não ia á missa, quando a Queluz visitava o Príncipe Regente, perguntava sempre, com espirito achambado de galacho: — «Se Mr. du Brésil está em casa». Quando este não queria assignar qualquer papel, que o secretario da legação franceza lhe apresentava, Lannes exclamava todo zangado: — «Ah! Ah! Elle não quer assignar? Vamos tel-as bonitas! O negocio, agora, é commigo!...» E o Príncipe assignava. Tendo a rainha D. Maria I sabido, n'um intervalo lucido, que Lannes não ia á missa, ganhou-lhe tanto temor, que, mal ouvia pronunciar o seu nome, largava a gritar por soccorro como uma possessa. (7)

De resto, quasi todos os officiaes superiores do Imperio tinham aquelle feitiço grosseiro e rebarbativo. Nas suas relações com os paizanos — os *pélines* — estavam muito longe de observar as regras mais elementares da civilidade. Em Paris, via-se frequentemente qualquer officio com uma gazeta das mãos de qualquer leitor pacifico, tirar a mulher que ia pelo braço do marido e insultar as damas nos passeios. Os generaes permitiam-se todas as pimponices. Thibault, um dos mais morigerados, chicoteou, por diversas vezes, os guarda-barreiras, que lhe queriam fiscalisar a carruagem, e o proprio Lannes, indo para Hespanha, e havendo o *maire* de Amboise exigido a apresentação de passaporte, por causa dos numerosos espiões ingleses que circulavam no paiz, convencia aquella autoridade a subterfugio de Dantzig. Os officiaes de estado-maior seguiam-lhes no encalço, jogavam forte, e, como os uniformes não eram rigorosamente regulamentados, chegavam a usar dolmans com botões de diamantes. As mulheres *chics* — as que traziam vestidos de Leroy, *ayrettes* de Pieux e joias de Mellerio —, as que haviam praticado o curso de Despréaux no tempo do Consulado — e n'esse numero se contavam a futura mulher de Junot, Hortensia de Beauharnais e a futura esposa de Marmont — sentiam o antójo da nausca quando não dançavam com esses sabredadores empenchados. E assim devia acontecer n'uma epocha, em que, segundo a espiritosa *Madame de Tracy*, um homem que não tivesse assistido a uma grande batalha era quasi ridiculo. Eis o motivo porque os officiaes triumphavam rapidamente ao pé das mulheres, o que lhes valeu a alcunha de *mangeurs de coeurs*, citando-se, entre elles, Mr. de Manouville, amante da princeza Paulina Bonaparte, Alexandre de Girardin, pae do brillante jornalista Emilio de Girardin, etc. Uma dos prazeres d'estes agueridos sujeitos consistia em quebrar toda a loja nos jantares, que mutuamente se davam, e, ás vezes, tambem os moveis, o que elles estupidamente chamavam *diners à tout casser*.

O general Lannes retirou-se inopinadamente de Lisboa na manhã de 10 de agosto de 1802. Morava a Buenos-Ayres, e, como as suas relações com o governo portuguez não haviam sido de uma cordialidade por elle não, não nos conta que elle se fosse bailes ou jantares. Todavia, colhemos noticia de uma festividade que mandou celebrar na igreja de S. Luiz dos Franceses, e para a qual expediu convites, um dos quaes reproduzimos:—*Le Général Lannes, Ministre Plenipotentiaire Extraordinaire de la République Française prie Son Excellence Mr. le marquis de Pombal de lui faire l'honneur d'assister à une Messe Solennelle et un Te-Deum, qui seront chantés dans l'Eglise Française de S. Louis le lundi 26 avril (6 floréal) à onze heures précises du matin, Buenos-Ayres, le 6 floréal, 26 avril. Ten no verso o seguinte:—Son Excellence Mr. le Marquis de Pombal, Président du Senat. À ses Janelles-Verdes. (8)*

Lannes chegou novamente a Lisboa em princípios de 1803, onde veio exercer a sua segunda enviataria. Estabeleceu residência no palacio Ferreira Pinto, ao largo do Loreto. Mas, d'esta vez, cambiou de tactica. Se, anteriormente, fora brutal, cheio de fanfarronias e alardos, agora passou a ser brando, persuasivo, cheio de raposias. E a tal ponto se se achou insinuou no animo do Principe Regente, que, quando Junot invadiu Portugal, o Principe declarou publicamente que, se o exercito invasor fosse commandado por Lannes, nada o poderia decidir a abandonar o reino. (*Historia de El-Rei D. João VI*). No intento de lhe dar satisfação, o Pina Manique foi demittido de director da Alfandega do Assucar, e o ministro dos estrangeiros, D. João de Almeida—um anglophilo—, recebeu tambem a demissão do seu cargo e a nomeação de ministro plenipotenciario em Vienna. D. Rodrigo de Souza Coutinho, outro amigo dos inglezes, pediu espontaneamente a sua exoneração. O primeiro ministro foi substituido por Antonio de Araújo de Azevedo (futuro conde da Barca) e o segundo por Luiz de Vasconcellos e Sousa. Antonio de Azevedo, que fazia mais o jogo da França, realizou suas alterações diplomaticas muito a contento de Lannes. E o Principe Regente tão agradado ficou com o pseudo diplomata francez, que elle e D. Carlota Joaquina foram padrinhos de um filho, baptisado na capella do Paço da Bemposta em 29 de setembro de 1803 com o nome de João. O Principe offereceu-lhe um presente avaliado em quatro mil libras. (9)

Esta creança era filha da segunda mulher de Lannes. A sua primeira mulher, *madame Méric*, de quem elle se divorciou—para se não vingar tragicamente, segundo os ritos prohibitorios—, não lhe guardava uma inviolavel fidelidade durante a sua ausencia na campanha do Egypto. E n'isso apenas copiava *madame Bonaparte*, que praticou identica sganarelhacção, e a amante do general Berthier, *madame Visconti*, que o *minotaurion* descaradamente, enquanto o pobre homem lhe adorava o retrato levantado na sua tenda de campanha na terra dos Pharaes, como conta Bourrienne, secretario particular de Bonaparte.

Apesar de haver mudado de estrategia diplomatica, o ministro Lannes não perdia lance de pendenciar e de mostrar o seu espirito acidifical. Um bello dia, em 1803, deu-lhe na veneta e reclamou contra um pretensu apedrejamento das janelas de sua casa na noite de S. Pedro. Abriu-se devassa e apurou-se que a allegação era falsa, porque a concorrencia nas ruas, motivada pelas fogueiras que usualmente se faziam, e a permanencia da policia no chafariz frotreiro ao palacio (então ao largo do Loreto) impediam a pratica do insulto. (10) Os demaes credito á duquesa de Abrantes—que, ás vezes, pegava a sua patrinha— a espada do general Lannes ainda n'esta segunda temporada serviu de argumento conveniente. Conta a memorialista, que, graças ao barulho produzido por aquella durindana nas pedras dos claustros de Mafra e nos corredores do Paço de Queluz, barulho que dava colicas ao Principe Regente, se concluiu mais depressa as negociações do inappellavel tratado de 19 de março 1804. (11) Havendo-se levado a seu termo esta celeberrima patifaria diplomatica, o general Lannes disse ao conde de Villa-Verde, na presenca do Principe Regente, que o seu soberano o encarregava de lhe dar dezesseis mil cruzados em remuneracção do tratado, ao que o ministro respondeu que só recebia dinheiro do seu rei e que antes queria uma medalha ou uma chieira com o retrato do imperador. Em virtude d'esta declaracção, o conde de Villa-Verde e Antonio de Azevedo foram presenteados com retratos de Napoleão, guardnecidos de pedras preciosas, retratos que vieram acompanhados de uma carta de Talleyrand. Este ministro francez recebeu, por seu turno, outro presente, de que foi portador D. Lourenço de Lima. Nas copias das cartas respeitantes a este objecto e existentes na correspondencia do conde de Villa-Verde, allude-se ao facto de Azevedo ter contribuido «com o maximo prazer» para esta obra, ao do Villa Verde ter pedido o retrato a Lannes e ao de ter contribuido para uma obra «em que S. A. R. mostrou o seu particular affecto para com o Imperador». (12)

Lannes foi, na sua segunda missao, menos parcimonioso em festas do que na primeira; e os outros representantes diplomaticos na nossa corte não lhe ficavam atraz. Lord Fitz-Gérald, ministro inglez, que se regressa a Santa Martha, na travessa que depois tomou o nome de travessa do Enviado de Inglaterra—por que alli moraram os ministros inglezes desde Sir Robert Walpole até Lord Strangford—dava magnificas soirées. A festa de 21 de julho de 1804 foi de primeira classe. Os convites que expedia da authoridade a pessoas gradadas eram redigidos em francez. Em seguida publicamos a si pessoas gradadas eram redigidos em francez:—*La Lord Robert Fitz-Gérald a l'honneur de prier Son Excellence Monsieur le Comte de Villa-Verde de lui faire celui de venir dîner chez lui Samedi prochain 21 du courant à 4 heures. A Santa Martha ce 17 Juillet 1804.*

Mylord espère que Son Excellence voudra aussi passer la Soirée.

Tem o seguinte endereço:—*A Son Excellence Monsieur le Comte de Villa-Verde, Conseiller Ministre et Secrétaire d'Etat, Etc. Etc. Etc. à Janqueira. De Fitz-Gérald.*

A algumas das suas soirées assistiu Lord Holland, que n'essa occasião estava em Lisboa e morava nas casas junto á igreja de Santa Izabel. (13) A duquesa de Abrantes ridiculisa Lady Fitz-Gérald e affirmava que Napoleão se classificava como um *lambrão-mis de saitar* e uma especie de *reputista*. Lannes tambem embriurava muito com a ministra britannica, e não podia tolerar que seu marido passasse adiante d'elle nas recepções no Paço e até na estrada de Queluz, a ponto do seu bolieiro, certa vez, metter rola e tombar a tipola de Lord Fitz-Gérald. (14) Mas o verdadeiro movel de semelhante odio era ser a ministra ingleza inimiga convicta dos francezes em geral e do seu imperante em particular. *Inde irae.*

O ununcio do Papa, Monsenhor Lourenço Galeppi, arcebispo de Nisibi, offerecia banquetes opporpos na nunciatura, installada na rua direita de Santa Izabel, banquetes que eram honrados com a assistencia dos ministros portuguezes e estrangeiros. Em 27 de junho de 1804 deu um jantar soberbo, para o qual enviou convites ás personalidades marcantes na alta sociedade lisboeta. O que sobrescriptou ao conde de Villa-Verde era do teor seguinte:—*Le Nonce Apotolique prie Son Excellence le Comte de Villa-Verde, Ministre Assistant aux Délégués du Cabinet de Son Altesse Royale de Prince Régent, de lui faire l'honneur de venir dîner chez lui Mercredi prochain (27 du courant). Ce 22 Juin 1804.*

O unctoso Galeppi dispensava as maximas amabilidades aos seus convidados e fazia-lhes servir bellas phantasias gastronomicas, manipuladas por um cozinheiro romano.

Mas a sua polidez ecclesiastica, a sua finura coralina e o seu alto cargo de diplomata do Vaticano, não impediram que elle apanhasse uma bebedeira n'uma festa dada pelo commandante Baudin em honra de *Madame Junot*, a bordo da fragata *Topazio*. (15)

O mais esplendente de todos os bailes que Lannes offereceu no palacio Ferreira Pinto realiso-se na noite de quinta-feira de Ascensão, 10 de maio de 1804. Teve por fim celebrer o mallozo da tentativa de assassinio do Primeiro Consul por Georges Cadoudal. O palacio do largo do Loreto servia de pousada para pessoas pertencentes a mundo diplomatico, ao mundo elegante e ao mundo commercial. Não faltaram os negociantes francezes, italianos, suizos e hollandezes. Compareceram muitos nacoes notaveis pela fortuna, pelo talento e pela posição social, e as peralhas mais catitas ou mais *godicheas*—conforme a taxonomia boulevardista de 1804. Na roda eclectica dos convidados encontravam-se: o principe inglez Augusto Frederico, duque de Sussex—que morava ás Necessidades—, o conde e a condessa da Ega, o conde francez Serrurier, irmão do marechal Serrurier, Jacob Dohrman, encarregado de negocios da Hollanda e denunciado em 1809 como espião dos francezes, a amante do conde de Novion—uma franceza que morava no Rocio—, o conde de Novion e seu filho, o medico Francisco Gomes da Motta, grande amigo de Lannes, os quinquilheiros italianos Guidotti, depois amicissimos de Junot, Mr. Guéri, mestre de esgrima hospedado em casa do marquez de Loulé, Diogo Ratton—filho do Ratton que dava tão bons concertos no seu palacio da rua Formosa—, o negociante Leques, da rua dos Capellistas, o Jourdan, da rua da Enxada, o Lassence, da Mooda, o Davenport, da rua Augusta, o Ginioux, da calçada de S. Francisco, etc., e Valabrègue, o noivo da cantora Catalani, reluzindo no seu uniforme de capitão do 8.º de *husards*, colorido em uma tableta de droguita—dolan verde com almareas brancas, calças verdes, pellica azul sobre o hombro esquerdo, shako empennachado de negro e vermelho, facha vermelha com riscas brancas, que era o distinctivo geral da arma, botas altas com esporas sonantes, pasta e sabre recurvo.

Madame Louise Guichenne Lannes estava tudo o que havia de mais ultimo Paris: o vestido de setim azul bordado a ouro, tendo um decote que proclamava a rigidez do peito firme, o penteado encido por um diadema de ouro e pedras preciosas, o collar de perolas azul-lapis—por que, segundo os praxistas, a cor dos roceas devia sempre com a dos vestidos—, as luvas de pellica branca tapando o braço todo. As senhoras mais *baith*—como então se chamava ao *chie*—ostentavam a distincção refinada das duquesas classicas, os menios estudos das marquezas de honra, e os penteados architectados pelos pentes esguetos de Mr. Girard—cabeleireiro da travessa de Santa Justa—e de Mr. Louis—cabeleireiro do Principe Regente—, os vestidos de meiacaula, os decotes muito abertos e patenteando redondezas maravilhosamente gemas, porque as mulheres só tinham de bom o que tinham de bello—conforme a theoria expandida pelo *Journal des dames et des notes* de 1812—e porque dentro d'aquelle palacio não vigorava a famosa ordem expedida pelo Pina Manique aos Corregedores lisboenses, prohibindo que as modistas confeccionassem *soiffetes*, que faziam com que algumas pessoas apparecessem em publico quasi nuas e em trajes tão indecentes que escandalizavam a modestia e provocavam os homens a fins libidinosas. (16) Os vestidos esguios e direitos, os espartilhos de setim, de fustão ou de percale—prostitugiosamente chanfrados, encaxando o ventre e desenhando o talhe por debaixo dos seios—, os sapatinhos sem taçoes e de sola extremamente tenue, as manieiras *nozevas stieles*, affectadas e ingenuas, a um tempo, junto a uma especial forma de andar e ás attitudes harmoniosamente languidas, prescriptas pelo codigo das elegancias, tudo isto tornava graciosas e agradaveis as bellezas de quem usavam tudo isso. Havia de fic inexplicavel o que consagrara *Madame Hamelin* nos salões do Consulado e do Imperio.

O mobiliario que guarnecia o palacio da legação franceza em Lisboa, os estofos de *nozevas*, os bordados dos coxins, as serpentinas e os relógios de metal doirado, poisando sobre os tremos, tudo isso cantava uma gamma de cores discretas, abafadas, cores que pareciam morrer evaporando-se, cores que iam empallidecendo como velhos rostos em que o sangue vai rareando.

Coroação do Rei Eduardo VII

A missão portuguesa



Visconde de Asseca

Camariata de S. A. o Príncipe Herdeiro de Portugal, representante de El-Rei B. Carlos nas festas da coroação de Eduardo VII



Conde de Arnoso

Secretário da missão



Tenente-coronel Antonio Costa

Ajudante de S. A.

As cadeiras romperam o alinhamento para se agruparem em círculos sympathicos. As danças pareciam grandes orquídeas preciosas e delicadas, as bocas, bordadas de sorrisos, punham nas physionomias a leve mancha que um morango lança n'uma taça de leite, os leques pequenitos estremeçiam como azas de borboletas extasiadas, as *agigretes* tremiam como um ligeiro vapor de chamma, os perfis afixavam-se á claridade das velas, ao flamejar dos espelhos e dos oiros, a conversação diluía-se em frivolidades estheticas e em refinamentos sentimentaes... Durante o baile, em que a musica dava coragem ás pernas, os pares dançaram com a meticolosa correcção dos discipulos do mestre do danca Berli, dos pensionistas do collegio do Maigre Restier, em Val do Peireiro, ou das educandas de Madame Amaury, na calçada da Estrella, e da viscondessa de Vergnette, a Buenos-Ayres. Depois, ouviu-se a musica crystallina dos violinos, das harpas e das flautas. Era o concerto que principiava. A Catalani, a Gafforini, o Naldi, o Mombelli, o Matucci, o Angellelli e o Violani — a fina flor dos cantores de S. Carlos —, percutiram os seus teclados vocaes; o rabaquista Olivieri tocou a solo; os maestros Fioravanti e Marcos Portugal acompanharam no piano. Ouviram-se algumas sonatas de Haydn e de Mozel, e alguns trechos que constituíam o triumpho supremo de Elévion — o tenor da moda parisiense — e de Garat — o cantor prestigio, o homem indispensavel nas reuniões de Versailles e do Trianon, o *habitué* dos salões de Barras, o commensal da Tallien, o chefe dos *incroyables* e dos *muscadins*, o D. Juan, por assim dizer, irresistivel, ao qual effectivamente heia poucas mulheres deixavam de se render. Estas poucas musicas foram executadas n'um piano forte de Clementi, previamente afinado por Mathias Bosten, mestre de cravos da Casa Real, cravista e pianista com fabrica na rua d' Enenda, 17. Ao concerto seguiu-se a ceia verdadeiramente primorosa, capaz de metter n'um chinelo todos os manjares das casas de pasto afamadas — a do Boulnois, na calçada da Estrella, a do *Lolo de Oro*, ao Caes do Sodré, e a do José Inglez, a Buenos-Ayres. Os doces do confeitiro Batalha, com loja no Chiado, 1, defronte da rua de S. Francisco, foram summamente apreciados pelas *croquisas* de austeritas.

Quando os convidados se retiraram nas segas do Lagoa, do Castro e do *Assemblea*, já vasquejavam as luzes dos quinze candieiros de azeite da rua das Portas de Santa Catharina e do Chiado — pontinhos amarellos pairando como pequenas almas de claridade sobre a melancholia das coisas. Mas ainda vinha muito longe a manhã, e, portanto, ainda se não lobrigava no adro da Encarnação o andador da missa das Almas, trajando a capa da Irmandade, o chapéo armado, os calções e as meias brancas.

Transcorridos cinco dias, a *Gazeta de Lisboa* dizia que enchemba capital da Europa poderia offerecer e talvez nunca jamais offerecesse uma assemblea semelhante á que houve em casa do ministro de Franca em Lisboa. (17)

Nove dias depois d'esta festa, Laanes era promovido a marechal Pousco se demora entre nós. Sua mulher partiu para Franca em 21 de julho, a bordo da fragata *Carlota*, que tambem conduziu o novo embaixador portuguez em Paris, D. Lourenço de Lima; e elle fez a viagem por terra, chegando áquella capital em 21 ou 22 de agosto. Mr. Serrurier, consul de Franca, morador ao Thesouro Velho, n.º 30, ficou encarregado de negocios.

FINTE DE CARVALHO (Thoop).

(1) Archivo do Min. da Justica. *Certas dos ministros estrangeiros*, 1788-1790.

(2) Bibl. Nacional de Lisboa. *Cartas de um viajante Franca a um amigo residente em Paris sobre o caracter e estado presente de Portugal. Traduzidas d' lingua Franca para portuguez por um portuguez assistente em Paris*, Paris, 1784. *Manuscritos*, N.º 1-438, E-5-42.

(3) Torre do Tombo. Livro VI das contas para as Secretarias, fls. 272, v.

(4) *Ibid.*, fls. 308, v.

(5) *Ibid.*, fls. 318.

(6) *Ibid.*, fls. 328.

(7) Duqueza de Abrantes. *Souvenir d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal*, vol. II., pag. 233-235.

(8) Bibl. Nacional de Lisboa. *Manuscritos Pombalinos*, Codico 614.

(9) Soriano. *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parliamento em Portugal*. Primeira Epocha, vol. II.

(10) Torre do Tombo. Livro VII das contas para as Secretarias.

(11) Duqueza de Abrantes. *Memorias*, vol. V, e *Souvenirs*, etc., vol. II., pag. 235.

(12) Archivo do Min. da Justica. *Correspondencia do conde de Villa-Verde*

1805.

(13) *Gazeta de Lisboa* de 3 de maio de 1805.

(14) Duqueza de Abrantes. *Memorias*, vol. V.

(15) *Ibid.*

(16) *Conta* de 12 de março de 1804.

(17) *Gazeta de Lisboa* de 15 de maio de 1804.

A COBRA DA MARTINICA (1)

Ao sair da sala de jogo, onde, simples official inferior, eu não podia entrar para observar o mappa, disse-me o meu capitão: — Meu amigo, estamos na Martinica esta noite.

Eu não podia parar. Era a primeira viagem, e quatorze dias de travessia tinham exasperado o meu desejo de ver o pai da sol. Tambem era geral a impaciencia de chegar a Forte de Franca, onde esperavamos passar um dia antes de nos transferirem para o outro paquete, que nos devia levar á Guyana.

Tinha me deixado estar na toita para não perder uma só das sensações que procedem a chegada ao desconhecido, e entendido de papo para o ar, deixava correr as horas, olhando para as nossas luzes de posição, vermelhas, uma em cada extremidade da ponte. Mais adiante, á prôa, a luz branca vacillava, surgindo e eclipsando-se a cada movimento do navio.

Um *S. Germano* baluçava-se ligeiramente com o bater das ondas que o tinham da costa. N'essa mole ondulação, os masts e as vergas inclinavam-se sobre a minha cabeceira com um embalar rhythmico. As vezes passava um sopro de viração muito brando, e eu,aguejando contra o nosso caminhar tão vagaroso, enbebrava-me com a brisa da terra, carregada de perfumes de magnolia.

Emfim a Martinica appareceu com as suas montanhas mornatruas. Enquanto se amarrava o navio ao caes, estavamnos todos a sondar a sombra.

De subito respicandeu em torno da bahia uma luz fixa que cegava. Dez lampadas Jablockoff, suspensas de uns postes, luziam insolentemente deante dos telheiros de carvão da Companhia Transatlantica. De mochila ás costas, mudos, sorprendidos, olhavamos para aquella paisagem estranha que saíra subitamente da sombra, agarrados á amurada como um rebanho de carneiros. Essa proximidade da terra sobreexcitava a nossa impaciencia. Porquê nos não desembarcavamos?

De subito precipitava-se para fóra dos telheiros um bando de demónios. Uno-nos á terra uma ponte de taboas, e ahí saltam elles para bordo. Esses demónios são mulheres e são pretas semi-nuas. Trazem todas cachimbo nos dentes, mas, de fórmãs esculturadas, parecem na semi-nubencia fundidas em bronze. Com um movimento mechanico, despejam com um grande estrondo a sua canastra de hulha para o porão, depois vão-se embora, magestosamente, e o seu andar passivo tem a resignação de uma escravatura antiga. Ao vel; as, sem se importarem com os nossos olhares, desmalgarem-se n'uma ondulação indolentemente lasciva, ao sentir o cheiro de mulher e de suor que ellas exhalam, succedem aos nossos primeiros

tedios uns vagos desejos e uma sede de abordagem. O nosso rebanho de machos, sobreexcitado por quinze dias de clausuração, ancia pela terra, pelo alcool e pelo cio.

D'ahi a pouco estavamos em terra, e o commandante mandando-nos formar circulo dava-nos grandes novidades. Reinava a febre amarella em Cayenna, e nós iamos ficar provisoriamente na guarnição da Martinica, enquanto não acabava a epidemia. Terminára o seu speech recommendando-nos que estivessemos quietos porque os soldados em que estavamos tinham matto á roda, onde nos arriscavamos a pisar alguma cobra.

Estas palavras "febre amarella, e cobra", tinham esfriado a gente. Os soldados sentiam com um calafrio pesar sobre elles a confusa tristeza do desconhecido. Charly, o furriel e eu, apesar de não partilharmos a sua inquietação, tinhamos perdido o nosso bom humor.

Depois de um curto crepusculo, rompeu o sol emfim. Com o esplendor do ceu azul, diante do mar scintillante, depressa teriamos esquecido a triste impressão da estreita, se a fome, a sede, a impaciencia de esperar ordens que não vinham, não tivessem a pouco e pouco tornado intoleravel a nossa situação. E as conversações cahiam sempre no eterno capitulo das serpentes. Muitos e com um confranger de coração que não confessavam, se lembravam das narrativas das camaratas em Toulon, ou pensavam nas companhias dizimadas, nos soldados miseros e debéis que tinham visto voltar das colonias para o deposito, nos antigos camaradas cuja morte longuica lhes fôra contada. A custo reconfortavamos os nossos ho-

mens. O aviso relativo ás serpentes impressionou-os, e justamente as pretas que se approximavam de nós para nos venderem laranjas, augmentavam os seus receios, contando innumeraveis accidentes; de trigonocéphalos que se encontravam nos jardins, no matto, nas plantações. Depois atrozes descrições de agonias. E afinal explicavam a utilidade dos reptis.

Entretanto cahiu o dia, foram passando as horas, e só ás quatro da tarde é que o clarim tocou a reunir, e que um furriel da guarnição nos conduziu ao forte Desaix.

Estava um sol de fogo. Por muito tempo subimos um caminho duro e avermelhado. Quantas illusões ácerca da vida colonial e das suas molles doçuras por alli ficaram, juncando a estrada poeirenta, cujas interminaveis curvas o nosso suor ia regando! Eu ás vezes parava, sendo o sargento serra-fila da ultima secção, e deitava uma vista de olhos para o inaudito panorama que se desenrolava a meus pés na moldura do mar. Era a ilha toda, menos a vertente das alturas que subiamos, era a ilha, banhando-se no Atlantico, ostentando cidades e aldeias que mosqueavam em varios sitios os tons variados do seu verde, e eram as ilhas visinhas cujos pincaros se perfilavam azulados em baixo, rosados em cima, e, rigidos, esburacavam o ceu.

Enfim chegámos. Já não podiamos, pareceram-nos longos os minutos que levámos a escutar o commandante do forte. Esfalfados, com as guelas secas, não percebiamos senão a prohibição expressa de entrarmos no matto. Outra vez se fallava em serpentes, e a herva alta e forte que chegava nos muros da caserna parecia-nos

Coroação do Rei Eduardo VII

Os officiaes representantes do regimento de cavallaria 3 de que é commandante honorario S. M. o Rei de Inglaterra



O coronel A. Duarte e Silva
Commandante de cavallaria 3



O tenente-coronel Alfredo de Albuquerque
Do regimento de cavallaria 3



D. José Castello Branco (Bellas)
Alfere do regimento de cavallaria 3

terrel. D'ella nos afastámos todos, para irmos prudentemente pelos carreiros.

Para dizer a verdade aquillo parecia mais uma quinta do que uma caserna. O planalto em que estava o forte parecia um parque antigo com os seus taboleiros de relva, os seus macciosos de mangueiras, as suas alamedas areiadas. Tiro a mochila e enquanto os soldados vão encher os enxérgos, encosto-me ao parapeto de granito. Estende-se adiante de mim um abismo. Os meus olhos deslumbrados dão com a profundidade vertiginosa de umas montanhas quebradas por erupções antigas, e cujas fendas se conservam hiantes, sombríos desfiladeiros, cujo fundo, á força de ser folhudo, parece azulado. Alcatifa-lhes as paredes a furia de uma vegetação tropical; correm aguas brancas nas quebradas, torrentes silenciosas para mim. O verde succede ao verde sem gradação.

Os meus enthusiasmos amortecidos desde pela manhã renasciam, alli, quando senti uns gritos que me fizeram voltar á caserna. Revolvendo o limo para o metter nos enxérgos, os nossos homens tinham encontrado um ninho de trigonocephalos, e tinham morto a ninhada. Não pareciam comtudo muito inquietos, porque o medico prometia ração de vinho dobrada ao homem que lhe apresentasse as pelles dos hediondos reptils.

Veio o rancho, beber-se-lhe bem. Tinham-se esquecido as fadigas do dia, e até se teriam esquecido as serpentes, e de repente um horrivel quadro não viesse acordar os nossos receios. Abre-se a porta e apparece-nos o rancheiro consternado, e agitando os braços. Atraz d'elle vinham dois negros trazendo o corpo de um seu camarada, o cosinheiro, que tinham ido encontrar no matto, lutando com uma familia de trigonocephalos. Caíra querendo matal-os com um bambú, e sentira-lhes os dentes penetrar nas carnes da sua perna nua. Agora tinhamos o homem a nossos pés, de olhar confulsionado e de escuma nos labios. O medico quizera cauterisar a ferida, apesar de já ser tarde, mas os negros oppuzeram-se e faziam-lhe mascar charutos e beber um cosimento de tabaco.

O medico encolia os hombros mordicando o bigode. D'ahi a dez minutos o homem tinha um espasmo violento. Levantou-se, torceu-se como um epileptico, depois ficou immovel, com uma baba verde a correr-lhe dos labios. Estava morto.

Apesar de estar familiarizado com as scenas de hospital, sentia um tedio invencivel. O meu amigo Charley, vendo-me descórrer, enfiou-me o braço e levou-me d'alli.

Para me dar força fez-me beber dois ou tres copos de aguardente, e d'ahi a meia hora estavamos a trabalhar nas nossas contas, que estavam quatorze dias atrasadas. Levou tempo, porque a luz de uma vella de cebo não nos ajudava. Emfim já fomos andando.

Levou-nos esse trabalho até á meia noite. Quando se acabou nós tinhamos uma gota d'agua no quarto.

— As minhas divisas por um copo de agua! disse Charley. Eu estava tambem morto de sede, e lembrei-me de ter visto uma cisterna por traz do forte. Agarrei n'uma bilha, e saítei pela janella para a ir encher.

Estava uma noite soberba, macia e luminosa. Vinha das mangueiras uma estridula canção das cigarras, e por toda a parte voavam enxames de luciolas, polvilhando de ouro o negro do matto. Sentí uma admiração violenta, e para melhor gosar todas essas coisas dirigi-me para a cisterna pelo relvado. A medida que eu ia avançando, calava-se o gritar furioso das cigarras, e, n'esse meio silencio, só ouvia roarem-me pelas pernas as aranhas que eu curvava, ou que se me agarravam ás polainas.

De subito, quando eu estava já a chegar á cisterna, senti um assobio de baixo dos meus pés, fustigou-me os joelhos uma chicotada secca, e julguei que ia morrer. Deixei cair a bilha. N'uma horrivel angustia, com os cabellos eriçados, a boca aberta, os olhos dilatados e não sentindo já pulsar o coração, lembrei-me do que nos tinham dito e do que eu mesmo vira. Tive a atroz visão do negro palpitante e torcido no chão, tornei a ver o soldado brandindo os trigonocephalos na ponta de um pau, e, com suor frio na testa, desfallecido, fechei os olhos, immovel e como que pregado no chão.

Oh! não se pode dizer o que eu padeci n'aquelle minuto!...

E esperava com profunda surpresa no fundo do meu abatimento. Esperava uma mordedura do reptil que eu tinha pisado, alli, na relva, e cuja horrorosa chicotada eu sentira. Que estava a fazer esse horrivel animal? Mordera-me sem eu o sentir, no seu brusco terror, e cahiria eu alli, de subito, a rebolome-me como o preto quando a inoculação fosse completa?... ou estaria já enrolada á minha perna, uma perna que eu já não sentia como se me tivesse sido amputada.

Rasteira, viscosa, fria, enlaçar-me para me atacar em pleno corpo?

Este pensamento ainda mais me endoioi, e subiu-me aos labios um grito de desesperada angustia. Retive-o; mas, deavagar, ás apalpadellas, deixei descer as mãos para ver se o reptil estava enrolado em minha côxa, e — como se ainda podesse ter esperança — querendo evitar acordar o animal silencio.

Nada! não senti nada senão o cotim da calça, e, não me atrevendo já a mexer-me, com a garganta suffocada, não conservando ainda de pé senão por um esforço inaudito de vontade, fiquei immovel, regelgado até á medulla e ensoado em suor.

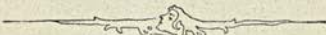
Agora soltavam por toda a parte as cigarras a sua canção vibrante. Por cima da minha cabeça, as luciolas continuavam a voar, mosqueando a sombra, parecendo umas estrelas aladas a vadiar. Ao fundo ululava um passaro nocturno.

E como os esmagadores minutos iam caindo, sem nada se mexer a meus pés, veiu-me o desespero de acabar com isto e de não soffrer mais ridiculamente. Com um gesto brusco, e com os olhos fechados, abaixei-me, entendendo as mãos, apalpando as barrigas das pernas, as polainas, os tornozellos, apalpando o chão e até as hervas.

E de subito levantei-me, ebrio, doído, com uma gargalhada nervosa e dilacerante. Apanhá um arco de uma barrica, um arco que ficara para alli. Elle era a cobra, esse arco envolto em vime que pisara, e que, levantando-se, como uma mola, de baixo da sola da minha bota que fizera de alavanca, fustigára, abylando, as minhas pobres tibias.

PAULO BONNETAIN.

(1) Agora que uma grande catástrofe acaba de destruir Martinica, vem a proposito a reprodução d'este delictoso artigo de um antigo expedicionario francez.



Um doído faz mais perguntas em uma hora do que um sabio pode dar respostas em um anno.

PROVERBIO ARABE.

• •

A França é o paiz em que eu mais e menos gostaria de viver: tão facilmente alli somos estimados como somos assobiados.

O PRINCEPE DE GALES (EDUARDO VII).

• •

A mulher d'um homem celebre é apenas meia esposa; o publico tem um terço n'essa união.

ERNEST RENAN.

• •

E' sempre agradavel dar conselhos e algumas vezes util recebel-os.

MAURICE BARRÉS.

AS NOSSAS GRAVURAS



Um veterano centenário

gava, destacando-se sempre quer fosse na babilônica Aps, nas na pacata Cannes. Preso pelo espirito à Franca, como pelo coração esteve sempre preso à Inglaterra, o Rei Eduardo VII, que ha longos annos é um amigo dedicadissimo de Portugal, tem ins a toda a nossa sympathia e estima. O seu reinado é curto mas tem já a illustrar o um grande feito — a realisação da paz na Africa do Sul — feito que grava na historia da Grã-Bretanha e na historia da humanidade o nome de Eduardo VII.

A casa da actriz Virginia — A grande actriz que El-Rei e o seu governo acanham de agradecer com o habito de S. Thiago, cujo retrato, foi gentilmente tirado por Virginia expressamente para o *Brasil-Portugal*, reside com seu marido o distincto actor Ferreira da Silva, e sua filhainha — em cujo sorriso transparece a um tempo a bondade ingenua da mãe, e o olhar finamente perscrutador do paé, — n'uma deliciosa vivenda à Cruz da Pedra, Benfica, cujos apentos tão artisticamente mobilados e ornamentados a objectiva de Arnaldo Fonseca deixa hoje gravados nas nossas paginas, juntamente com um delicioso grupo dos seus tres moradores.

A missão portugueza — Com o Principe herdeiro de Portugal, que foi a Londres representar o Augusto Chefe do Estado nas festas da Coroação de Eduardo VII, foi uma comitiva constituída por um camarrista, um secretario, e um ajudante. São d'estes altos dignitarios os retratos que inserimos: os do visconde da Asseca, par do reino hereditario, commissario regio junto à Companhia Nacional dos Tabacos; do conde de Arnoso, par do reino de nomeação regia, major de engenharia, escriptor elegante, e secretario particular de El-Rei; e do tenente coronel de artilheria, Antonio Costa, ajudante de Sua Magestade o official encarregado de dirigir os estudos de S. A. o Principe Real.

Os officiaes de cavallaria 2 — Quatro officiaes foram a Londres representar o regimento que se honra de ter o Rei de Inglaterra por seu commandante honorario. Foram elles o commandante effectivo,

coronel Duarte Silva, militar disciplinador e distincto; o tenente coronel Alfredo de Albuquerque, deputado pela India, ajudante do El-Rei; o capitão Fernando Larcher, par do reino hereditario; e o alferece D. José Castello Branco, filho do marquez de Bellas e futuro snecesor do titulo de sua casa com que o governo o vae agradecer; todos officiaes muito estudiosos e illustrados que voltam de Londres agraciados com a ordem Victoria. Só o retrato do capitão Larcher não nos foi possivel obter.

Um veterano centenário — Diz ter 104 annos, o cabo Silva, antigo soldado das luctas liberas, com 80 annos de serviço immaculado, e a Torre Espada a attestar a bravura dos seus feitos de guerra. Tem o pret de 135 réis diarios e foi agora alvo de manifestações sympathicas, quando esteve em Cascaes assistindo ás festas a Santo Antonio, e coronel do 15 de infantaria, quando elle era brigadas. A Torre Espada ganhou-a em Almoester, mas só muito tarde, no reinado de El-Rei D. Luiz he foi dado o collar. A alguém que he pediu para contar essa façanha, respondeu elle apenas — *savancei com mais quatro fóra da or-*

dem, todos lá ficaram excepto eu que voltei com a orelha de um guerrilha.

A singeleza d'esta narração falla mais alto que todas as historias.

Francisco Xafredo — Foi um sportman distincto em Lisboa, e o Real Gymnasio Club, hoje florescente instituição, deve-lhe o seu inicio. Trocou ha tempo a vida elegante do sport portuguez pela vida trabalho do Brasil, onde exerce o cargo de agente commercial no Rio de Janeiro.

A Reverte — Ah! está uma mulher que protesta alto e forte contra toda a fragilidade do seu sexo. Ah! está uma mulher que pode desafiñar todos os homens em questões de arrojio e de valentia — e poucos haveria que a levassem de vencida.

Tambem basta olhar para ella: olhar duro e decisivo, feições masculinas, labio grosso, vontade impetuosa impressa na physionomia.

Admigura-se-nos ao vel-a deante de um touro, mettendo-lhe denodadamente um par de ferros ou dando-lhe uns passes elegantes de capote, que a Reverte tem o que poderá chamar-se: o talento da coragem.

Ha espadas de nome que he não chegam aos calcachares, e os mais famosos dos actuaes não se envergonharião de hombear com ella n'uma lide lauroramachica.

Dahi o triumpho. Justissimo, d'esta vez alcançado pela Reverte nas praças de Hespanha e de Portugal.

O cavallo saltador de João Gagliardi. — Foi um bello cavallo que cumpriu bem a sua missão; saltador destemido, fiel e obediente servo do professor que durante tantos annos o montou. Morreu agora e como não acontece a muitos racionais; — fez falta.

A Epoca — Reproduzido em fac-simile o 1.º numero d'este jornal que acaba de fundar-se em Lisboa, e que é dirigido por quem conhece e estima o Brasil,

o nosso Revista dá os retratos do seu director, do gerente, que é um escriptor novo que trocou temporariamente, assim o esperamos, os trabalhos litterarios pelo peso da gerencia administrativa d'essa empresa jornalística, e dos seus dois proprietarios, trabalhadores infatigaveis e sympathicos que todo o Brasil conhece e aprecia.

E' difficil já — tantos são os jornaes que por ahí vegetam — fundar em Lisboa uma folha diaria que vingue, que tenha uma razão de ser — e para isso ou deve representar um principio ou mirar a um ideal, — mas apesar de todas essas difficuldades, a *Epoca* parece ter caminho aberto, se progredir sempre como parece disposta.



Reverte á paisana



Reverte passando á capa



Alfredo Xafredo



O cavallo saltador que morreu ha pouco, pertencente ao professor de equitação João Gagliardi, que o montou



Sem os tres *A Epoca* não seria completa. Sem elles e sem um outro, que trabalha na sombra, com toda a alma e de todo o coração. Referimo nos a Luiz Galhardo, esse sympathico rapaz gerente da *Epoca*, que tem sido dentro do jornal o infatigavel organisador, o engenheiro de todas as pequeninas engrenagens, o arrumador de todas as difficuldades, o propagandista d'essa vasta obra.

Este, é de todos, o menos conhecido para



Antonio Ramos
Proprietario da *Epoca*

o Brasil. Todos os outros tem lá, em cada creatura, uma affeição, que *A Epoca*, no seu afanoso labor de cada dia, só pretende cada vez mais estreitar, cada vez mais radicar.

E tendo a nossa revista o mesmo sonho e similhante ideal, não admira que hoje venha prestar homenagem á *Epoca*, desejando lhe sempre prosperidades crescentes.



Roberto Rebello
Proprietario da *Epoca*

A EPOCA

A Epoca é o novo jornal de Lisboa, começado a publicar em 1 de maio d'este anno, que mais rapidamente se tem desenvolvido e intelligentemente tem grangeado, em poucas dezenas de numeros, as sympathias do publico portuguez. É um jornal de patriotas, pugnando apenas pelo futuro e prosperidades de Portugal, feito á moderna, com talento, vigor, bom gosto e uma espantosa independencia de caracter para estes tempos em que todos procuram, n'um feroz egoismo, servir somente ambições

e vaidades. Dirige-os superiormente o sr. dr. Zeferino Candido, homem raro de intelligencia e de vontade, que aborda todos os assumptos desde a mais complicada questão financeira até á delicadeza subtil da educação moral do nosso povo. É um trabalhador conjugado com um talentoso.

D'essa aliança saem o ineditismo, a

profundezza e o bom senso de seus artigos. Ha mais dois proprietarios: os srs. Roberto Rebello e Antonio Ramos. Para aquelle não ha difficuldades, para este não ha desfallecimentos. Um edifica, corta, manda, cria; o outro anima, dá o incentivo, elogia este, contenta aquelle. Os tres completam-se n'este machinismo complicado d'uma empresa de jornal moderno.



Luiz Galhardo
Gerente da *Epoca*



Zeferino Candido
Director da *Epoca*

AMOSTRAS DE SOGRAS



BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 e 24

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorré Tavares

Editor — Luiz Antonio Saiches

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125

End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno	36\$000	Anno	24\$000	Anno	24\$000
Numero avulso	2\$000	6 mezes	2\$000	6 mezes	4\$000
		3 mezes	1\$500	Numero Avulso	2\$000
		Numero avulso	3\$000		

SUMMARYO

TEXTO

O Rei de *Indisterra*, Imperador das Indias.
Chron. — JOAO CRAGAS.
Virginia — JAYME VICTOR.
A casa da actriz Virginia.
Uma sentença notavel — C. DE BRITO.
Política Internacional — CONSIGLIEIRO PEDROSO.
O ministro General La nes e o embaixador
General Junot — PINTO DE CARVALHO (TIMO).
Coroação do Rei Eduardo VII A missão por-
tuguesa.
A Cobra de Marinhica — BOSNETAIN.
Os officiaes representativos do regimento de ca-
vallaria 3.
As nossas gravuras.
A Época.
Amosivas de sogras — LOZ.

127 illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bon conselho.
Brasil-Portugal.
Como eu afinei um piano no Chili — MAURICIO
REVAL.
Wanderley d'Araujo.
Bibliographia — JOAO COSTA.
Presente de fruta — RAUI BRANDÃO.
Medoetas.
Estrala.

ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto
Villars d'Allen — Vinhos — Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole — Rio de Janeiro.
La Union y El Fenix Español — Lisboa.
Companhia Mechanica e Importadora — S. Paulo
C. P. Vianna & C.ª — S. Paulo.
Loja do Japão — S. Paulo.
Agencia Financiam de Portugal — Rio de Janeiro.
Nunes Corréis y C.ª — Lisboa.
Vedão.
Companhia Geral do Credito Predial — Lisboa.
Estamparia do Bullião — Porto.
Vinhos Velhos Legitimos do Porto. — Porto.
Casa Baquet — Porto.

Agua de Carabauza — Lisboa.
Cesar A. Paiva, dentista — Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico — Lisboa.
Escola Academica — Lisboa.
Almeida & Serpa Pinto — Porto.
London & Paris — Lisboa.
João Ferreira — Porto.
Lemos & Pinho — Porto.
Livros úteis e instructivos — Lisboa.
h'apeleria da Moda — Lisboa.
H. Parry & Son — Lisboa.
Atelier d'Alfajate A. Couto — Lisboa.

NA CAPA

Garantia da amazonia. — Pará.
Brazil-Portugal.
Notre Dame de Paris. — Rio de Janeiro.

OS Nossos Correspondentes

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os se-
guientes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — (Agencia Central
dos Estados do Sul, Coronel Theodulo Pupo de Mo-
rães e José Martins Pollo, Rua de Alfindega, 4, sobrado.
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Tri-
meiro de Marco, n.º 14
PARÁ — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua
João Alfredo, 50.
MANGÃO — Jayme e Camara — Livreria Classica —
Rua Guilherme Moreira.
MARA NHAO — Leoncio J. de Medeiros & C.ª
CEARA — A. Ferreira Braga — Praça José Alencar 20
BAHIA — José Luis de Fonseca Magalhães (Livreria
Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 25
PELOTAS — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Americana).
PORTO ALÉGRIE — Carlos Pinto & C.ª (Livreria Ame-
ricana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livr-
ria Americana, Rua Marechal Floriano, 100).

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho
MOZAMBEL — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUILLIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
BENQUILLIA — Mathews & Tavares
LOURENÇO MARQUÊS — D. Bernardo Heitor da
Silveira de Lorença.
S. THOME — L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luao
Francesca — Rua Alfonso de Albuquerque

No Continente

PORTO. — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa,
30.
EVORA. — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis
Petro Correira, Rua da Mouraria, 37.
BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.ª.
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Afco do Ivo, 1-2.
CASTELLO BRANCO — Pedro Augusto Passos.
BRANTES — Antonio Augusto Balgouto.
ELVAN — João Antonio dos Santos Sobrinho.
A COBRACA — José Narciso da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde
LEIRIA — Manuel Ferreira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
CORCOBE — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 10.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o
Brasil-Portugal os srs.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de
Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Ja-
guara, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8),
em AMPARÓ.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de
Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andre-
sen) — MANGÃO.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o di-
abo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo,
combos côrs. E eras tão fransino!
— Cousas, meu velho. Faz como eu. Toma
o Chocolate Brasil, que se fabrica no
Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco
do Rio de Janeiro.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

BRASIL-PORTUGAL

Para dar a maior actualidade aos acontecimentos que esta Revista regista, pela gravura e pela palavra escripta, e na impossibilidade de continuar applicando o papel que por falta do antigo, foi obrigada a usar nos n.ºs 78 a 80, resolveu esta Empresa, distribuir já o presente numero na data devida, reservando a distribuição dos n.ºs 81 e 82 que faltam para se fazer juntamente com os n.ºs 85 e 87.

Por esta forma, o *Brasil-Portugal* recupera desde já a actualidade que, por motivos independentes da sua vontade, havia perdido.

Como eu afinei um piano no Chilli

—Que bonita noite! exclamou Stephen entusiasmado. A brilhante claridade da lua dá um aspecto quasi fantastico a estes rochedos escarpados. Que feliz idea que tivemos de evitar assim para a nossa viagem o calor do dia!

Achavamo-nos n'esse momento no meio d'essas vastas regiões situadas nos confins do Chilli e da Bolivia, a que se chama o «deserto do Atacama», porque nenhum fio de agua as atravessa, e são desprovidas, por consequente, de toda e qualquer vegetação. Acompanhado por dois camaradas, Stephen e Thomaz, engenheiros como eu, acabava de visitar a «mina do Inca»; tinhamos feito ali uma residencia bastante longa, e

volviamos alegremente para Copiapo, apertados n'um carro d'aquella sitio, uma especie de *break* puxado por seis robustos cavallos de raça andaluza, finos e airoso, e guiados por um cocheiro indio. Atraz de nós vinha outro carro do mesmo genero, carregado com as nossas caixas de minero.

Admirei, durante a nossa rapida descida para o valle, o grandioso da paisagem que nos rodeava; como dissera Stephen, tomavam os rochedos a viva claridade da lua, um aspecto estranho e parecia que chegavam a gigantescas proporções. A palestra, bastante animada á partida, cessou pouco a pouco, e, muito embrulhado no meu poncho, encostado ao assento da carruagem, quasi em breve adormecer.

Não sei quantas horas tinham passado, qu'ndo um choque violento me acordou em sobre salto! Estava estendido no caminho; a dois passos dos meus camaradas que tinham sido precipitados, como eu para fóra d's carruagem.

Eis o que se passára. Tíhamos chegado a um sitio onde existia uma vasta quebrada, que nós interceptava o caminho. O cocheiro, desastradamente, «ustigou os cavallos, estes irritaram-se, tomaram o freio nos dentes e, encontrando um enorme monte de pedras, accumuladas provavelmente ha um ou dois annos para os concertos do caminho caíra; e a carruagem tombou, enquanto se quebravam os eixos de duas das rodas.

Levantámo-nos com alguma difficuldade: estavam todos mais ou menos contundidos. O cocheiro indio, primeiro quiz ver se reparava os estragos. Quantas cordas, quantas barras, e quantos cinzeiros ou thesouros havia na nossa tralha de engenheiros se empregou na esperanza de reconstruir os eixos partidos. Mas ao cabo de quatro horas de esforços, tivemos de reconhecer que era *impossivel* servirmo-nos do *break*. Então que haviamos de fazer? Sabiamos que na vizinhança de uma quebrada, ha geralmente uma ou duas habitações, porque se póde, firando um pouco, utilizar a agua subterranea para a cultura. Foi interrogado a nosso cocheiro, que nos disse que havia effectivamente a umas horas de marcha uma *hacienda* cuo proprietario, hospitaleiro como é sempre n'esses paizes longiuqos,

onde a chegada de um viajante, de um europeu sobretudo, é uma verdadeira boa fortuna, ficaria contentissimo em nos receber.

Apresámo-nos a dirigir-nos para a *hacienda*. Mas a marcha era fatigadora, dadejada sobre nós o sol os seus raios, tornava-se a nossa sede cada vez mais ardente, e não tinhamos, para nos desdeterar, senão o conteúdo das nossas cabaxas. Ora esse conteúdo não era agua, era logo liquido.

Porque as cabaxas iam cheias de *pisco*, aguardente da terra, licor incendiario que sobe muito rapidamente á cabeça. Tinha um dos meus camaradas, Thomaz, uma predilecção muito especial por essa bebida; e, durante a nossa estada na mina da luca, habituára-se a beber-a tanto á farta, — que, de ordinario, no fim do dia, Thomaz estava nas vinhas do Senhor.

N'este dia, graças ao calor, á sede e á fadiga, a pesca aquecêra-nos a cabeça a todos, até a Stephens o mais sobrio, o menos doído do nosso grupo, e, quando nos approximámos da *hacienda*, linda casa madeira, com uma grande varanda, e um toco de hespanhola, precisavamos de algum descanso para estar-nos a nibores de nós. Mas em descanso não se podia pensar porque, ao chegarmos, descobrimos que havia festa em casa; havia n'essa noite um jantar, ornado—delicioso surpresa!—com a presença de algumas senhoras, hespanholas arrebatadoras e muito civilisadas. Estava posta a meza n'uma grande tenda armada ao ar livre; mas, em vez de se estar ao fresco, tinha se muito calor, porque o sol durante todo o dia dardelára os seus raios sobre o toldo. Alem d'isso tinham-se posto em cima da meza muitos candelabros, cujas velas accensas augmentavam o calor da atmosphera.

Senado ao pé de uma linda hespanhola, procurei *firtando* com ella, indemmisar-me um pouco do fastio dos longos mezes durante os quos a presença de uma mulher fóra para mim uma coisa desconhecida. Disse-me a minha vizinha que era cantora. Acrescentou que na America do Sul se era muito sensível ao encanto da musica.

Affirmei-lhe que succedia o mesmo na Europa, que eu era doído por cavatinas e romanzas, sobretudo quando as gorgejava uma mulher bonita

VINHOS VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONCALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVDO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



ta. Emfim a palestra da espanhola inspirou-me uma certa graça, que por mais de uma vez chamou o sorriso aos seus lábios: os seus lindos olhos, devo confessar-o, entonteceram-me um pouco.

Todavia, ainda me restava sangue frio bastante para me lembrar dos meus camaradas. Procurei, numa vista d'olhos, examinar o que se passava em torno de mim. Lançei os olhos para Thomaz. Oscillava na cadeira e já não articulava uma palavra. Tinha os olhos um pouco escazeados, a bocca entre aberta... Ah! eu estava farto de conhecer esses symptomas; designavam uma embriaguez quasi completa.

Ordinariamente, quando Thomaz chegava a estas alturas, como sobrenadava no seu espirito um resto de bom senso, sumia-se e já dormia para algum tanto escuro. Esperei que fizesse o mesmo d'esta vez.

Stephen, habitualmente serio e taciturno, tomára um ar sentimental que eu lhe não conhecia e conversava em voz baixa com a sua vizinha de meza.

Eu esta ainda muito senhora de mim: é verdade que tomára uma sensata precaução: a de substituir de quando em quando por agua pura, o vinho e os licores que me deitavam com abundancia nos copos.

Mas foi só no fim do jantar que se principiou a beber a serio, e sou a hora das saudes. «A' Francisca! ao Chilli!—A' Hespanhal! Festivo! ao Infelizo! Desastre!...—Bebamos as formosuras hespanholas!»

Tinham os copos batendo uns nos outros, erguiam-se as vozes, cruzavam se os risos. Não tardou a haver uma alegria brillantissima. Não sei a que extravagantes alturas ella chegara, se a dona da casa não tomasse a responsabilidade de pôr termo á sessão com as seguintes palavras:

—Meus senhores, ofereçam o braço ás senhoras! Levantaram se todos e saímos da tenda. No momento em que, levando pelo braço a minha linda hespanhola, eu saía da atmosphera esbrazeada onde acabavamos de passar tres horas, cambaleei ao sentir o ar glacial cá de fóra. Quando se pôe o sol n'estas altitudes, sobrevem um frio vivissimo, e, se não sabem o effeito que produzem estas bruscas mudanças de temperatura, depois de uma alegre refeição, n'um cerebro já esquentado. Tive um momento de vertigo, senti um circulo de fogo apertar-me as fontes, e disse commigo:

«Estou perdido». Um instante depois senti como que uma carga de cavallaria atraz de mim. Passava alguém como uma tromba. Era o nosso hospedeiro a passo de carga. Parou um instante, fustigou o ser com os braços e cahiu como uma massa.

Estava prompto por dorze horas pelo menos. Enquanto a Thomaz só o que vi foi a um canto do meu apartamento adormecido n'uma attitude das mais innocuas. Era elle; como sabiamos era uzeiro e vezeiro n'isto.

E o grave Stephen, que seria feito d'elle? Sentia bem que era p'rigoso a gente virar-se; era um milagre conservar eu o meu equilibrio, de subito ouvi a voz de Stephen. Respondia a sua vizinha de meza com um tom languido:

«A minha senhora, a sua lado toda a fadiga se esquece». A tres metros da entrada da tenda, erguia-se uma figura magestosa, direita como um Stephen passou ao pé de mim... com um passo incerto... largou o braço da sua companheira, depois obliquando para a figura, abraçou-se a ella e estreitou-a com frenesi. Ah! está o que o poss'fizerá do nosso camarada.

Empuçou a mim, fortemente atacado pelos effeitos d'esse licor traçoero, ainda conseguiu dominar-se apparentemente, daqui por diante unico representante do elemento masculino n'esta assembléa, disse commigo:

«Sejamos prudente, e salvemos a honra da França». As senhoras tinham percebido perfeitamente o que se passava. Madame Paes, a dona da casa apesar de costumada de certo a estas crises de ebriedade, parecia estar bastante centrariada; as outras hespanholas debalde tentavam abafar o riso, provocado sobretudo pelo aspecto de grande Stephen, que continuava a apertar a figura nos braços.

Era eu que fechava a marcha com a cantora, e penetrámos no salão, atraz das outras senhoras em circulo. Senti-me n'uma poltrona um pouco desviada, ainda me podia salvar o silencio, a immobildade...

Contudo, como os meus olhos se conservavam

abertos, devo avistar a um canto da sala um piano de muito boa apparencia.

Veio-me a ideia luminosa de que se convidasse uma das senhoras a tocar ou cantar, era eu dispensado da palestra; talvez até podesse dormir durante meia hora, o que seguramente me faria bem.

Ergui uma voz pouco firme, e disse com uma pronuncia bastante empastada.

«Aqui está um piano, que nos vai permittir ouvir a encantadora voz d'esta senhora.

E designei a cantora.

«Ah! exclamou a Madame Paes; felizmente o piano não está afinado. Ha muito que se acha no mais lamentavel estado.

—Porque do não manda afinar, minha senhora? tornei eu com um lampejo no rosto.

«O Deus meu, é porque não temos afinador senão em Valparaíso; a viagem d'esse homem custava-nos trinta e duas libras esterlinas, e não tenho riqueza para satisfazer um capricho tao caro.

—Nesse caso, insisti eu, com aquella obstinação que caracteriza em geral o estado em que eu me achava, affine-o cá em casa, não tem uma chave?

—Tenho sim, tenho uma chave de afinador; mas não ha quem se saiba servir d'ella.

—Oh! minha senhora, tornei eu com uma audacia que ainda hoje não percebo, nada mais facil; eu que lhe estou fallando...

«O que? pois o senhor consentiria em nos prestar esse serviço? Ah! que fidelidade! Vamos immediatamente procurar-lha a chave!» Pedro! Juan!... acrescentou, chamando os criados.

E deu-lhe as suas ordens, enquanto as outras senhoras me rodeavam olhando para mim com curiosidade.

«O senhor francez vai afinar o piano! exclamavam algumas das creadas maravilhadass.

Precipitaram-se nos aposentos; revolveram todos os cantos da casa, e acabaram por me trazer a chave.

«Eu reflectia e dizia commigo: Imaginário que estou bebado. Mas imaginário que se enganaram, se me vierem affinar o piano.

Sei alguma coisa de musica, por isso não deixava a mim ser o que fazia quando recebi a chave da mão do Sr. Paes.

Levantando-me prudentemente dirigi-me com um certo vagar para o piano, abri-o e senti-me no banco.

Apezar de me doer a cabeça doidamente, ainda não fazia má figura. Dei alguns accordes, e mesmo na situação em que me achava, percebi que o piano estava horrivelmente desafinado. Com perfeita gravidade, comeci a afinar-o. Primeiro regulei todos os *lâs*; depois procedi por *quintas*, operação difficil, e sempre longa, aí porque eu ainda não tinha chegado ao terço da minha tarefa depois de ter afinado pelo menos 250 cordas. Alem d'isso, tinha um calor horrivel, estava cansado o mais que se pode imaginar, e finalmente principiava a aterrar-me o que eu emprehendera, porque percebia perfeitamente que já passara uma hora, depois de me ter sentado a esse maldito piano. De repente: Ping!

Estala uma corda.

«Jesus-Maria! bramam as hespanholas perseguido-se. Explico-lhes o melhor que posso que cada nota possuia tres cordas, que duas ainda resistiam, e que a outra eu a concertaria depois continuai.

Ping! segunda corda que estala. Novas exclamações em coro da parte do auditorio. Um pouco exasperado, dou com persistencia volta á chave *Crac-crac-crac!*

Parece que vai estalar toda a caixa harmoniosa: as cordas estalam umas atraz das outras com um som estridulo; as hespanholas levantam-se gritando, fazem o signal da cruz; e eu, desviando, incapaz de lutar por mais tempo com os effeitos do pisco, sinto que anda tudo á torda, perco o equilibrio, e estiro-me pesadamente no meio do chão. Debalde me procuro; d'esta vez as senhoras são saltadas por um riso doído, e a Sr.^a Paes critica emfim:

—All me deus!... bem se vê que o senhor precisa muito de descanso... vamos deixal-o dormir!

—Um travesseiro! murmurei eu vagamente. Dava a minha vida por um travesseiro... As bondosas hespanholas trazem-me duas almofadas; lá me arranjam o melhor que podem e ao cabo de dois minutos, adormeci com um somno profundissimo, ao som das cordas que vão continuando a estalar.

Wanderley d'Araujo

Este illustre advogado brasileiro que está de novo em Lisboa, tenciona partir em viagem pela Europa no dia 23, percorrendo as primeiras cidades de Hespanha e depois as dos outros paizes do norte, antes de regressar ao Brasil.

Do Brasil-Portugal teve a honra de receber a visita do eminente jurisconsulto, o Sr. Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley d'Araujo que figura desde hoje entre os nossos assignantes.

BIBLIOGRAPHIA

E' muito costume dizer-se que é pequeno o movimento litterario no nosso paiz e no Brasil, mas diz-se um erro. O movimento é grande, o que é, é desigual, porque entre muita coisa que se publica, ha pouco ha e merece menção.

E' claro que não falamos nos livros, porque esses alguns são realmente de alto valor, e a elles teremos enejo de nos referir. Alludiamos apenas a publicações por fasciculos, numeros ou tomos, obras de divulgação, ao alcance de todas as bolsas e para leitura de toda a gente. Entre essas, abrimos já uma excepção, é obra verdadeiramente artistica que os sr's. Emilio Biel & C.^a estão editando no Porto, com o titulo *de arte e a natureza em Portugal*. Já sahiram 14 fasciculos que se compõem cada um de quatro grandes photographuras das principaes cousas artisticas de Portugal, com uma descripção em portuguez e francez.

O ultimo numero que temos agora aqui em frente trata da cidade de Guimarães, reproduzindo esses curiosos monumentos antigos da velha cidade, berço de Afonso Henriques, quaes são os dos Paços do Concelho e a igreja de S. M. guel do Castello, e maravilhas da arte como a cruz alta que existe no thesouro da collegiada e o vasto claustro do convento de S. Domingos.

Publicações, iamoz dizendo, como esta, n'um paiz como o nosso, com um passado historico tão maravilhoso, e com tanta arte, appetecido, tem dois collaboradores certos e valiosos: — a arte, no que ella teve de mais brilhante em seculos passados, e a natureza, no que ella tem de mais pittoresco ao longo d'essas formosas e mpinhas verdejantes. Por isso os sr's. Biel & C.^a tem assegurado o futuro da sua edição que acma de tudo é primorosa.

Dois livros nos chegam do Brasil, um em prosa, outro em verso. Este intitula-se a *Taça parida*, poema do Sr. Miguel Dalro Santos, do Rio de Janeiro, poeta já nosso conhecido de outro livro *Obeiseco*, e de outros de que nos eufumados como a vegetação do seu paiz. Na *Taça parida* ha sonetos delicados, onde a inspiração do poeta anda a par de correcção do metrificador.

Aqui tem uma amostra: *Esperando...*

Deve de estar linda a Terra
Quando o Céu e o mar,
Lindo o relatar das fontes
Com brilho novo no olhar.

A magua o meu ser desterra
E, alegre, pôe-se a pensar
Que traráz também da serra
Na face, rosas sem par.

As no verte, pulchra e travessa,
Ficarei, sem tu saberes,
Indecido, a perguntar

Quaes com mais força agradeça:
Si as rosas que me trouxeres,
Si as das rosas sem par...

O outro livro em prosa, editado pela Parceria Antonio Mazin Pereira, chégna-nos, apesar d'isso, de muito longe. Vem de Manaus, offerecido pelo seu auctor o Sr. Raul de Azevedo, que é jornalista brasileiro distincto e que nelle agrupou com o titulo *Na Rua*, varios artigos seus, uns de critica, outros meramente litterarios, outros ainda de simples aspecto.

Entre os primeiros, alguns ha sobre escriptores portuguezes como Pinheiro Chagas, Theophilo Braga e Eça de Queiroz, e n'esses justa homenagem é prestada á obra de cada um. Ha no entanto na maneira de ver critica do jorna-

lista brasileira, alguns pontos que se nos afiguram um tanto falsos, como por exemplo o dizer que nos escriptos de Pinheiro Chagas falhava muitas vezes a forma, e que o estylo era pouco cuidad. Parece-nos um erro, tal dizer, porque escrevendo para o theatro ou para o livro, quer trancando a correr simples artigos jornalisticos e ainda discursando de improviso, era exactamente a elegancia da forma, o brilho do estylo que se destacava mais na obra do auctor da *Morgadina*.

Isto, é claro, não offensa o merito da critica justa e tão gentilmente elogiosa que o sr. Raul de Azevedo faz das grandes qualidades do escriptor portuguez.

Ha outros capitulos d'esse livro de incontestavel valor como os *Pescadores da Tahyba* e *Sinhô Flor*, provas exuberantes de merito do seu auctor.

E agora a vez de uma bibliotheca nova, que acaba de se fundar entre nós sob a direcção de dois espiritos illustrados e conhecedores do meio litterario. Uma bibliotheca dissimada, e no entanto ellas são tres: *Tres Bibliothecas*, é o seu nome, tres e não uma. Dirigem-nas Urbano de Castro e Alvaro Pinheiro Chagas, o primeiro antigo e brasileiro jornalista, e o segundo rapaz novo, mas cheio de boa vontade e de talento que por tanto tempo foi secretario d'esta revista.

Inaugurou-se com um romance o *Filho do Masqueiro*, que é nada menos do que a continuacao do grande romance de Alexandre Dumas, porque o seu protagonista é um filho dos tres protagonistas da maravilhosa obra do grande escriptor francez,—o celebre Porthos companheiro valente e audaz de Athos e de Aramis, e agora, a todos os seus assignantes, distribuiu tres publicações que editou a proposito do quinto centenário do Theatro Portuguez, em honra de Gil Vicente. São ellas, o *Auto da Alma*, o *Pranto de Maria Parda* e a carta sobre o terramoto de 1531 dirigido a D. João III pelo grande poeta, todas tres reunidas n'um volume de 100 paginas e illustrado com um retrato interessantissimo da actria Adeline Ruas no *Pranto de Maria Parda*; n'um outro folheto as scenas e os versos de Gil recitados na festa que houve no conservatorio dramatico; e finalmente o terceiro, edição popular do mesmo *Pranto de Maria Parda*, vendida ao publico pela insignificante quantia de vinte réis.

E se passarmos a revistas temos aqui o 1.º numero da 2.ª serie de *Ta-sai-yang kao* publicação muito curiosa devida á paciencia e á sanidade fiscal de um distinctissimo funcionario do Ministerio da Marinha o sr. Marques Pereira que n'uma revista, exclusivamente dedicada a assumptos da China, que conhece como ninguém em Portugal, tem culgido, coordenado e annodado tudo o que de bom encontra sobre o Extremo-orienteportuguez.

Neste numero vem por exemplo um artigo *A gruta de Cambés*, com duas gravuras reproduzidas de fac-similes datados em de 1837 outro do seculo seguinte, devidos á pena do sr. Frederico Leão Cabreira, de Ponta Delgada, artigo que merece bem ser lido. De resto o sr. Marques Pereira dedica o melhor dos seus estudos a esta revista que é editada pelo incansavel livreiro o sr. José Basto.

Outra revista chama a nossa attenção, a *Revista Commercial*, que como o titulo o explica se dedica a assumptos de commercio não só interno mas para o Brazil e Ultramar. E depois d'esta a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, cujo n.º 348 abre com uma bella gravura da rua Frederico, em Berlim, um dos pontos mais concorridos da capital allemã, e tantas outras de que nos temos occupado já e que terão aqui registro especial nos artigos seguintes.

JOÃO COSTA.

Appareceram já os dois primeiros numeros da Revista que pela última reforma, o Conservatorio Real de Lisboa tem de publicação mensal. O primeiro abre com um retrato de Gerret, e n'elle collaboram alguns dos membros dos Conselhos dramatico e musical, destacando-se um artigo muito interessante do sr. Antonio Arroyo sobre a interpretação dos grandes musicos.

No segundo, presta-se homenagem a Gil Vicente, consagrando-o por completo, e dedicando-lhe um artigo o sr. Theophilo Braga; um estudo do sr. Vasconcellos Abreu, sobre a lin-

guagem de Gil Vicente; o discurso que o deputado Malhot de Dias fez na camera ao propor a celebração do centenário, e por fim a conferencia que sobre o grande poeta e o drama moderno, fez o sr. Lopes de Mendonça, em sessão solemne do conservatorio na noite de 8 de Junho.

Outras publicações temos ainda sobre a nossa mesa. Do Ministerio das Obras Publicas, ha um folheto muito curioso sobre mercado de vinhos na Dnamarca, Suecia, Noruega, Russia, Hollanda, Alemanha e Inglaterra. Informações interessantissimas colhidas por elementos officiaes: Esse fasciculo é o 1.º de uma serie de *Informações commerciaes* que por lei, a Direcção de Agricultura está autorizada a publicar.

Para elle chamamos a attenção dos interessados na exportação de vinhos portuguezes.

PRESENTE DE FRUCTA

Que bôa não era a titi... Pelo fim do verão, quando amadurece lentamente a fructa pelas arvores, ella começava a mandar-nos, em cestos de verga novinhos em fôlha, as maçãs cazeiras d'um aspecto tão lindo e d'um sabor tão rico, os cachos enormes de uvas moscatel, os figos negros, compridos, picados dos pardaes; os pecegos alourados, rebentando de maduros... Ai que, bôa! que santa não era a titi...

Ainda hoje estou vendo a Titi, a credda, morena, gordinha, pequenota, tão fresca do seu vestido de chita riscado de azul, pouco no pato em frente da mamã, o cesto cuidadosamente tapado com uma toalha de linho!... Ainda hoje a estou vendo!...

A tia Thereza do O era uma apaixonada de bôa fructa. Melões, bons melões apimentados, cheios de summo e de cheiro, ninguém os tinha como ella. E peros de D. Joaquina? e ameixas côr de rosa, grandes como maçãs? Sô no céu!—como dissera um conego da Sé, de uma vez que fôra lá jantar, e que por signal apinhou—Deus lhe perdoe—uma bôa digestão!

—Assim, minha senhora, sô no céu!... Sô no céu pôde ganhar-se d'essa!

E dizia-o convencido, a saude a brilhar-lhe nas faces vermelhas.

—Sô no céu digo-lhe isto!...

E orgulho tinha ella, isso tinha! Muitas vezes parava no quintal, em frente de uma pereira carregada de fructos e dizia-me alegre, prenhede de satisfacção:

—Olha me pr'a isto, meu cabeça de burro!

E na verdade o quintal, em dias de sol, quando o ar é transparente e azul, tinha uma apparencia extraordinaria de abundancia: as couves gallegas, repolhudas, de folhas enormes, cresciam contentes; as fructeiras de troncos vigorosos rebentavam de saude—e até o mesmo feijol que rascia junto ao muro, repontava com força, penosamente humedecido pela agua. Uns craveiros floriam brancos e vermelhos, muito lindos, e ao fundo uma nôra, adormecida entre nogueiras, punha na alegria da horta uma nota ferrugenta e triste. E tudo n'aquella casa, desde as colheitas de lãdo branco com dezenhos d'um lado desbotado, até ás salas claras, forradas de azulejos antigos e léves, arometizadas pelas uvas de cheiro que enfeitavam os fizes, enchia a gente de pacificação e de ternura, e fazia pensar em tempos alegres e bondosos dos romances de Julio Diniz.

Mas não eram os cuidados amováveis da titi; não eram os frascos cheios de doces, que se guardavam no armario de pau preto com fecharia de prata; não era a prima Leonarda tão forte, tão riuva, de faces côradas onde apeteia morder como n'um pecego maduro; não eram as uvas brancas transparentes ao sol, que me levavam todos os dias a Arrozeilla... E' que se estava tão bem na cozinha!... Na chaminé enorme ostentavam-se os patos do Alentejo, os presuntos de Melgaço; nas arcas de pinho guardavam-se os lombos de porco, as mil couzas saborosas e bôas que a titi sabiamente preparava; a louça inglesa, vulgar, reluzia muito nitida nos armarios: uma cantara de barro vermelho apparecia entre os louros; duas pipas bojudas faziam a um canto uma digestão pesada—e a Maria passava d'um para o outro lado, cantando, muito linda, com o lenço de ramagem vermelha cruzado sobre o peito.

—Gosto tanto de si! gosto tanto de si! Pela janella aberta via-se o quintal adormecendo na meliguice loura da tarde; a bica charrava, e os limoeiros estimados punham na agua do tanque sombras esguias e docementes leves...

Eu gostava de visitar o moleiro. Emquanto comia as azeitonas graudas e pretas, o pio enfarinhado e gostoso, o velho malandro contava historias bregas... A Clara fôra encontrada com as pernas gordas ao léo por entre a palha fofinha... Ah! estava a Clara!...

E babado, murmurava com saude:

—E a Rosa? e a Anna?... Ai meus tempos meus tempos!

No moinho tinha um ar brigado e tranquillo. Na janella repintada de verde, pannon brancos seccavam. Por detraz do muro caído rompiam cannas esguias e docemente verdes. O céu d'um azul desmaiado e fresco...

—E o moleiro murmurava rindo:

—E a Rosa? e a Anna?... Ai meus tempos meus tempos!

N'aquella tarde porém, eu nem o escutava sequer.

Sabia que a Maria, a creditada tia Thereza passava por alli; quando levasse o costumeado presente a minha mãe. Impaciente esperava—e quando a vi apparecer ao longe, no caminho sarcoteando os quadris, o cesto de verga á cabeça, corri apressado. E o moleiro em cima, velho, sem dentes, o olho em bra a, suspirava com tristeza:

—Ai meus tempos meus tempos!

Caminhamos juntos um pouco. Por fim sentimo-nos. A tarde moira: via-se o rio que se alastrava mansamente, cheio de serenidade pelo entre os campos. Mulheres lavavam. Appareciam brancas entre as nogueiras cisco e casa da aldeia. Ao longo os pinheiros—a paisagem parecia livremente pinclada de azul, muito fresca.

Eu murmurava:

—Gosto tanto de si! Se gostasse um bo allinho de mim!... Sô um bocadinho!...

E beijava.

E pelo chilo, do cabaz voltado, rolaram os figos negros, compridos, picados dos pardaes; as uvas moscatel; As peras D. Joaquina, tão pequenitas, tão gostosas!... Na frescura da deveza retilho muito fino o assobio vibrante d'um moleiro...

—Tanto! tanto!...

Muito boa senhora, a titi. Todas, todas as tardes nos mandava pela credda a melhor fructa que o pomar produzia! Elle era as uvas brancas, prefumadas e doces, as ameixas côr de rosa, grandes como maçãs, os pecegos alourados, rebentando de maduros!... Ai que, bôa! que santa não era a titi!

RAUL BRANDÃO

ANEDOCTA

—Uma cantora notavel abriu no Rio de Janeiro uma sala de concertos, que foi annunciada do seguinte forma:

«Sala de concertos vocaes e instrumentaes de habilitação da direcção da sr. X... ini, pintada de fresco.»

ERRATA

A paginas 553 do texto de hoje, no artigo do nosso presado collaborador Timop, sobre o ministro General Lannes e o embaixador General Junote, e a linhas 15 da 2.ª columna, lê-se *rua das Graças* em vez de *rua das Gaivotas*, como se escreveu.

LA UNION Y EL PENÍNSULO ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

18.000.000.000

De abastecimento para 1899 até 1900

PREMIOS RESERVA 5.532.000.000

Regulor contra incendio, applicado de que se trata

Equateur Atlantique & Union Maritime

Compagnie Francaise contre le crime maritime

A favor de transportes e paqueiros

Directores—Lima Mare & Filho

LISBOA—Rua da Prata, 59, 2.º

COMPANHIA

Mechanica e Importadora

DE SÃO PAULO

Endereço teleg. — *Mechanica*.

Escritorio: RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36 — Caixa no Corral, 51
 em Londres: Broad Street House—New Broad Street, London, E. C.
 Officinas: Rua do Triunpho, n.º 37 a 43
 Fundição e Depósitos: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Importação e fabricação de

Machinas a vapor, motores a Kerozene, turbinas hydraulicas, rodas d'agua, materias para luz electrica, serras de varios typos, machinismos para beneficiar café, desopiladores, materias e machinismos diversos para uso nas fazendas, para serrarias, carpintarias, marcenarias, ferreiros, serralheiros, gaçistas, funileiros, fabricantes de carros e carroças, materias para estradas de ferro, a'astecimentos d'agua e esgoto, construcção e engenharia.

Carvão de machina, coke, carvão de forja, ferro guza, ferro batido em barras, chapas e perlis diversos, tubos pretos e galvanizados, cimento, telhas de zinco, arame liso e farpado, tijolos refractarios, etc., etc.

S. PAULO—Brasil.

C. P. VIANNA & C.^ASuccessores da antiga casa de J. P. de Castro & C.^a

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

AGUAS MILAGROSAS

de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.º 31.

Endereço teleg.: — «VANINA».

Codigo teleg.: — RIBEIRO.

R. do Commercio, n.ºs 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).

LOJA DO JAPAOGARCIA, NOGUEIRA & C.^A

Agentes do BANCO DO MUNHO

Emittem saques sobre todas as localidades de Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, e sobre Paris, Londres e Hamburgo.

Compram cambiaes sobre estas praças

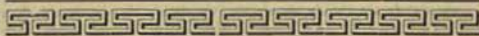
Importadores e especialistas de

Chá, cêra, sementes, fogos d'artificio, lanternas, presuntos, leite condensado,

e muitos outros artigos do seu ramo de commercio.

Rua de S. Bento, 42.

S. PAULO—Brasil.



Agencia Financiam

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

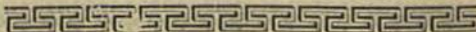
Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitales de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.^a

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156—**LISBOA**

Promptizam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confeção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços

VEADO

**ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS**

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da 86, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 % e commisso de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Estamparia do Bolhão

Casa Fundada em 1850

Rua Fernandes Thomaz, 528

Grandes Armazens

PORTO

Filipino

Fazendas de seda
Alã e algodão
NACIONaes
E ESTRANGEIRAS
Tapetes, alfalfas, julas
OLEADOS
PERFUMARIAS
MIUDEZAS
etc

**VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO**

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando ivem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

CASA BAQUET

GONÇALVES JUNIOR

ALFAYATE

Confecções para senhoras

153—Rua de Santo Antonio—157

PORTO

COUPEUR—**ANTONIO AMOBIM**



AGUAS DE CARABANA

PREPARADAS SEM NITRATA, DEBILITANTES, ANTI-BILIASCAES, ANTI-NEURALGICAS E ANTI-ESCRIPULOSAS

N.º 12 MEDALHAS D'OURO E DE PRATA

TODAS AS GRUAS JERVAZ, SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, PORTUGAL, LISBOA E COCUBATA

A VENDA SE FAZ TODAS AS PARTES DO BRASIL

LABORATORIO DE AGUAS DE CARABANA

1530, RUA DE SANTO ANTONIO, LISBOA

GESAR A. PAIVA

CIRURGIA DENTISTA

SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

CONSELHEIRO

R. do Arsenal, 100, 1.^o

LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Medico de oculos } J. Mauperrin Santos
J. Silveira d'Almeida

Instal. do hydrotherapico completa, com salas de a. m. para homens e senhoras, e gabinete para a. m. para dependentes, gabinete de banho d'agua, cidade e massagem, musculação e gymnastica, dica, dirigidas por C. de Sousa e Tratam. de doencas nervosas e do estomago.

Aberto das 8 ás 12 da manhã e das 3 ás 5 da tarde

ENTRADAS: CALÇADA DO DUQUE, 20
CALÇADA DA GLORIA, 10 LISBOA

GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovaes em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA

PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhan,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os de purativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 reis; caixa de 6 frascos, 36300 reis; caixa de 12 frascos, 68200 reis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A venda em todas as boas pharmacias e drogarias do paiz

Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da «Empresa Editora de Arthur da Silva», Rua dos Douradores, 72—Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL.—C. Cantos— Desde a creação do mundo até á nossa época Traduzida por Manoel Bernardes Uva—10, 13 volumes, in-4º gr., 2ª edição, com 530 pag. e 21 gravuras, br..... 98000 Em encad. lesteira..... 135.000	HISTORIA DA AMÉRICA PORTUGUEZA (BRAZIL).—Sebastião da Rocha Pittes— Desde o anno de 1500 até o de 1724.—Revista e annotada por J. Gomes Goes, in-8º grande, 2ª edição de luxo, 432 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch..... 37000 Em 1/2 encad. franceza..... 125000
OS ÚLTIMOS TRINTA ANOS, 1848 a 1878.—C. Cantos—Versão pelo visconde de Castilho—in-8º, com 512 paginas e retrato do autor, br..... 500	RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—«Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Buena»—3 vol. in-8º grande, com 1246 pag., edição de luxo, com braçoes de armas no texto, br..... 125000
DICIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICIONARIO DA LINGUA POR- TUGUEZA.—D. Jo é M. A. A. C. de La- cerdas—Diccionario de synonymos—Vocabulario da lingua Brasileira, of Tupy—Vocabulario do dialecto Guarany, 2 vol in-folio, 3ª edição, com 2480 pag enc int..... 128000	O ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA.—«M. Miguel de Cervantes Saavedra»—Versão do Visconde de Bonalcan- for, 2 vol. in-8º com 1121 pag., e 31 grav., broch..... 25000 Em 1/2 encad. franceza..... 255000
HISTORIA DAS PERSEGUIÇÕES PO- LITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hispanha e Portugal, desde a idade média até nos nossos dias.—Vertida do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8º, com 1124 pag. e 12 grav. sr..... 128000 Em 1/2 encad. franceza..... 130000	OS SERTÕES D'AFRICA.—«Alfredo Sarmento» —Apontamentos de viagem, in-8º, com 231 pag. e 12 grav. e 1 mappa do Am- briz, br..... 300 Em 1/2 encad. franceza..... 300

CHAPELARIA DA MODA DE JOÃO ALVES DA COSTA 32, Rua Garrett, 34—(Chiado) LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets
para homem e creança, nacionaes e estrangeiros,
em seda, feltro e palha.
chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRACAS DE REPARAÇÃO EM CACILHAS

ESTAB-LEIRO NO GINJAL

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO GOUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

FOSFIODOLICINA, DE LEMOS & FILHOS

ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina
pela Universidade de Coimbra;
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa
Medico dos Hospitales Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra
Curso Theologico no Seminario de Vizeu
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Ensinam-se nesta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1893, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especies e por professores especies, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

CURSO COMMERCIAL

1.º Anno	2.º Anno	3.º Anno	4.º Anno
Portuguez Francez Ingles Allemão Arithmetica e calculo commercial Calligraphia Pratica de escriptorio	Portuguez Francez Ingles Allemão Arithmetica e calculo commercial Geographia geral Calligraphia Pratica de escriptorio	Francez Ingles Allemão Arithmetica e calculo commercial Historia patria Geographia commercial Physica e chimica elemental Historia natural elemental Calligraphia Pratica de escriptorio	Francez Exercicios de redacção e de conversação Allemão ção Contabilidade geral e escriptura commercial Materias primas e especies commerciaes Elementos de economia politica e legislação commercial e aduaneira Pratica de operações commerciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrucção primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

Aos alumnos que concluirem este curso, ser-lhes ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica, 15 de Julho de 1901.

O DIRECTOR — Mauperrin Santos.

Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,
Londres e Berlin

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^o de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 38 A